UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Tecnologia e Ciência

Instituto de Geografia

Ana Beatriz Costa Farias

As contradições do imaginário patrimonial: estudo de caso nas enseadas de Abrãao, Lopes Mendes e Dois Rios – Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ)

Rio de Janeiro - RJ

2018

ANA BEATRIZ COSTA FARIAS

AS CONTRADICÕES DO IMÁGINÁRIO PATRIMONIAL: ESTUDO DE CASO NAS ENSEADAS DE ABRAÃO, LOPES MENDES E DOIS RIOS – ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS (RJ)

Monografia apresentada ao Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção dos graus de Bacharelado e Licenciatura Plena em Geografia.

Orientadora: Profª. Drª. Sonia Vidal Gomes da Gama

Rio de Janeiro – RJ
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha elaborada pelo autor através do
Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede Sirius - UERJ

F224 Farias, Ana Beatriz Costa
AS CONTRADICÕES DO IMÁGINÁRIO PATRIMONIAL: ESTUDO DE CASO NAS ENSEADAS DE ABRAÃO, LOPES MENDES E DOIS RIOS - ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS (RJ) / Ana Beatriz Costa Farias. - 2018.
93 f.

Orientador: Sonia Vidal Gomes da Gama
Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

1. Turismo - Monografias. 2. Percepção Ambiental - Monografias. 3. Paisagem Natural - Monografias. I. da Gama, Sonia Vidal Gomes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 91

ANA BEATRIZ COSTA FARIAS

AS CONTRADICÕES DO IMÁGINÁRIO PATRIMONIAL: ESTUDO DE CASO NAS ENSEADAS DE ABRAÃO, LOPES MENDES E DOIS RIOS – ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS (RJ)

Monografia apresentada ao Corpo Docente do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção dos graus de Bacharelado e Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em de de 2018

_____
Profª. Drª. Sonia Vidal Gomes da Gama (Orientadora)
Instituto de Geografia - UERJ

_____
Prof.ª Drª. Inês Aguiar de Freitas
Instituto de Geografia - UERJ

_____
Prof. Dr. Achilles d'Avila Chirol
Instituto de Geografia - UERJ

Rio de Janeiro
2018

Dedico este trabalho a minha avó Virginia Ferreira Costa (In Memorian) por todo seu amor e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Motumbá! Motumbá Axé! Agradeço de Exu a Oxalá pelos caminhos, decisões, conquistas e amparo. Agradeço imensamente a orixá que me acompanha com sua sabedoria infinita, e que faz de mim uma crente em sua força; eu sou moldada no seu barro, *Saluba Nanã!* Minha imensa adoração a Oxalá, Iemanjá, Ogum e Obaluae, orixás que me mostraram o quanto sou forte, e que não estou sozinha. *Epá Babá! Erù-Iyá, Odociabá! Patacori, Ogum! Atotô!* Peço a benção aos donos do meu *orí*, Xangô e Oxum, orixás poderosos, detentores da justiça e do ouro, que nunca me deixaram ser menos do que a união da rocha com água doce. *Kao Kabiesilê! Ora yê yê ô!*

Muito obrigada à Patricia e Roberto, meus pais, e ao meu irmão, Roberto Junior, por toda confiança depositada, estrutura e incentivo. Juntos somos o alicerce que o outro precisa para enfrentar qualquer desafio. Agradeço ao Rodolfo Teixeira Alves pelo companheirismo, dedicação e complacência a esta monografia. Obrigada pelas conversas, inquietações, e idas à Ilha Grande, que tanto me ajudaram a construir este trabalho. Eu amo vocês!

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição que me transformou, e que sou imensamente orgulhosa por fazer parte de algo tão incrível. As greves que acompanhei desde 2014.1 e a situação atual não foram palio para sua grandiosidade e capacidade de ter sido a minha melhor vivência. Muito obrigada a Sonia Vidal pela amizade, e ter me escutado com tanta atenção. Além de todo apoio dados as minhas peripécias acadêmicas!

Imensa gratidão aos meus amigos de curso, em especial a Rafael Santos pelo apoio nas tabulações, e a todos os companheiros do NEPPT; aos professores, com grande carinho a Mariana Lamego, Júlia de Andrade, Inês Freitas e Achilles Chirol; ao Leonardo Bretas, aqui representando todos os funcionários concursados e contratados, que fizeram o possível e o impossível para me ajudar; e aos guerreiros terceirizados. Agradeço a todos por fazerem desses quatro anos de graduação um momento incrível de viagens, trocas, ensinamentos e evoluções. Que nossos caminhos continuem se cruzando! Eu aprendi a lutar pelo próximo e pelo futuro!

UERJ RESISTE!

Aprenderei a amar as casas
quando entender que as casas
são feitas de gente
que foi feita por gente
e que contém em si a possibilidade
de fazer gente.
Matilde Campilho

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o Imaginário do Patrimônio na Ilha Grande, articulado com os conceitos de paisagem cultural, percepção ambiental, e o histórico de uso e ocupação do solo. Destacam-se as unidades prisionais; as unidades de conservação; e a atividade turística, que resultam em uma morfodinâmica dos acontecimentos de forma singular na ilha. O objetivo é identificar as contradições deste imaginário, quando veiculado aos usos das agências de viagens, com as percepções dos turistas e visitantes nas enseadas de Abraão, Lopes Mendes e Dois Rios. A metodologia está sustentada em dois autores: Paulo César da Costa Gomes e Yi-Fu Tuan. O primeiro auxiliando na inventariação dos patrimônios – tratados como paisagens culturais e com funções de atrativos turísticos – a partir dos discursos utilizados pelas agências; e o segundo, no intuito de trazer para a Geografia o sentimento pelo lugar, na perspectiva fenomenológica, auxilia no exercício de percepção do turista e visitante, a partir de um questionário, a sua capacidade de sentir e perceber o ambiente através dos seus sentidos, e reconhecer seu conhecimento ambiental. Os resultados apresentam diferentes interpretações dos patrimônios, e relações entre o homem e os atrativos, apontando um contato que, na maioria das vezes, distancia-se, e em casos pontuais, aproxima-se com as ideias já propagadas pelo turismo no território insular.

Palavras-chaves: Turismo; Percepção Ambiental; Paisagem Cultural.

ABSTRACT

The present work has as its theme the Imaginary of Patrimony in Ilha Grande, articulated with the concepts of cultural landscape, environmental perception, and the history of land use and occupation. The highlights are the prison units, the conservation units, and tourist activity, which result in a morphodynamic of events in a unique way on the island. The objective is to identify the contradictions of this imaginary, when conveyed to the uses of travel agencies, with the perceptions of tourists and visitors in Abraão, Lopes Mendes and Dois Rios. The methodology is supported by two authors: Paulo César da Costa Gomes and Yi-Fu Tuan. The first aiding in the inventory of assets - treated as cultural landscapes and functions of tourist attractions - from the speeches used by the agencies; and the second, in order to bring to the Geography the feeling for the place, in the phenomenological perspective, helps in the exercise of perception of the tourist and visitor, from a questionnaire, its capacity to feel and to perceive the environment through its senses, and recognize their environmental knowledge. The results were different interpretations of the resources, and the relations between man and the attractions, being observed, in the majority of the times, distancing themselves, and in occasional cases, approaching the ideas already propagated by the tourism in the insular territory.

Keywords: Tourism; Environmental Perception; Cultural Landscape.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização da Ilha Grande e Principais Enseadas.....15

Figura 2. Lazareto, edificação na Praia Preta.....40

Figura 3. Instituto Penal Cândido Mendes, 1975.....41

Figura 4. Reportagem relatando relações da facção falange vermelha no presídio.....43

Figura 5. Reportagem relatando a insatisfação dos moradores com condutas do sistema carcerário.....43

Figura 6. Reportagem tratando o fim do IPCM e os investimentos já voltados para o seu novo uso: o turismo.....44

Figura 7. Reportagem *"Um paraíso sem infra-estrutura"*.....45

Figura 8. Reportagem *"Ilha Grande: O paraíso ao alcance das mãos"*.....47

Figura 9. Reportagem *"A ilha-presídio também sonha ser um paraíso"*.....47

Figura 10. Reportagem *"Ilha Grande é o mais novo Eldorado do turismo"*.....48

Figura 11. Enseada de Abraão em 1940.....55

Figura 12. Vila do Abraão em 2017.....55

Figura 13. Transatlântico da MSC, realizando passeio na Ilha Grande.....58

Figura 14. Venda de passeios de barco em Abraão.....58

Figura 15. Comércio em frente ao Cais de Abraão.....59

Figura 16. Ruínas do Lazareto.....60

Figura 17. Praia Preta.....60

Figura 18. Aqueduto no Circuito Abraão.....61

Gráfico 1. Perfil do Turista de Abraão.....62

Figura 19. Restaurante na Enseada de Dois Rios.....67

Figura 20. Igreja Evangélica na Enseada de Dois Rios.....68

Figura 21. Igreja Católica na Enseada de Dois Rios.....68

Figura 22. Casas habitadas na Enseada de Dois Rios.....69

Figura 23. Edificação em ruínas.....69

Figura 24. Trator abandonado em frente ao Museu do Meio Ambiente.....70

Figura 25. Rio Barra Grande.....70

Figura 26. Rio Barra Pequena.....71

Figura 27. Interior do Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere.....73

Figura 28. Objetos utilizados na época do IPCM e expostos no Ecomuseu.....73

Figura 29. Artesanato feito pela comunidade, e exposto para a venda no Ecomuseu...74

Figura 30. Museu do Meio Ambiente.....74

Figura 31. Amoladores-polidores encontrados no Rio Barra Grande.....75

Figura 32. Ecomuseu visto da entrada da Enseada de Dois Rios.....75

Gráfico 2. Perfil do visitante de Dois Rios.....76

Figura 33. Enseada de Lopes Mendes.....79

Figura 34. Capela encontrada na Enseada de Lopes Mendes.....80

Figura 35. Baú na orla de Lopes Mendes.....81

Figura 36. Praia de Mangues.....81

Figura 37. Praia de Pouso.....82

Figura 38. Córrego que deságua em Lopes Mendes.....83

Gráfico 3. Perfil do Visitante de Lopes Mendes.....85

LISTA DE SIGLAS

APA- Área de Proteção Ambiental

CEADS- Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável

FEEMA- Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente

ICOMOS- Conselho Internacional de Monumentos

IPCM- Instituto Penal Cândido Mendes

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INEA- Instituto Estadual do Ambiente

NEPPT- Núcleo de Ensino e Pesquisa em Planejamento Territorial

PEIG- Parque Estadual da Ilha Grande

PPP- Parceria Público-Privada

RDS- Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro

TURISANGRA- Fundação de Turismo de Angra dos Reis

UC- Unidade de Conservação

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF- Universidade Federal Fluminense

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- Modelo de Questionário de Percepção Ambiental

Anexo 2- Inventariação da Enseada de Abraão

Anexo 3- Propagação do Imaginário da Enseada de Abraão pelos Sites

Anexo 4- Inventariação da Enseada de Dois Rios

Anexo 5- Propagação do Imaginário da Enseada de Dois Rios pelos Sites

Anexo 6- Inventariação da Enseada de Lopes Mendes

Anexo 7- Propagação do Imaginário da Enseada de Lopes pelos Sites

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
1. A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E O TURISMO 21
1.1 A Percepção Geográfica: Experienciar o Ambiente 24
1.2 O interesse do olhar: ponto de vista, composição, exposição 26
2. O SENTIMENTO PELO LUGAR: O PATRIMÔNIO 30
3. TRANSFIGURAÇÃO: DO CÁRCERE AO TURISMO 37
3.1 O Histórico do Cárcere 39
3.2 O Encantamento da Insularidade 45
3.3 As Demandas de Conservação da Natureza 51
4. ABRAÃO: O FANTASMA DA ENFERMIDADE .....
E A PASSIVIDADE TURÍSTICA 55
4.1 A Porta de Entrada da Ilha Grande 60
5. O CALDEIRÃO DO DIABO: O FANTASMA DO CÁRCERE 66
5.1 Da Conservação Penal ao Cárcere Turístico 71
6. A BUSCA PELA INOCÊNCIA PARADISÍACA: O ASSOMBRO DO TURISMO 79
6.1 Mais Bela Praia da Ilha Grande 82
CONSIDERAÇÕES FINAIS 87
REFERÊNCIAS 89
ANEXOS 92

INTRODUÇÃO

Ilha Grande é o terceiro Distrito Municipal de Angra dos Reis, pertencente à região administrativa da Baía de Ilha Grande, também conhecida como região da Costa Verde, localizada entre as coordenadas 22°50´- 23°20´S, 44°00´ - 44°45´W, litoral sul do estado do Rio de Janeiro. É considerada a maior ilha do estado, com área de 187 km², onde estão localizadas 34 pontas, 7 enseadas e 106 praias de acordo com a Prefeitura Municipal de Angra dos Reis.

Reconhecida como "joia do tesouro" ambiental do Rio de Janeiro, principalmente por ser considerado um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica do estado, a ilha reúne uma série de atrativos naturais e culturais descritas pelo Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), como: cadeia de montanhas que se eleva abruptamente a cerca de 1.000 m de altitude acima do nível do mar, recoberta de densa floresta atlântica; um dos maiores índices de biodiversidade de todo o estado, onde se destaca o bugio, cuja vocalização inconfundível é conhecida como o "som da Ilha Grande"; sítios arqueológicos, evidenciando os sambaquis; ruínas do presídio de Dois Rios, assim como de outras edificações, tais como o aqueduto e o lazareto; e, sobretudo, um cordão de praias arenosas, separadas entre si por costões rochosos, que a tornam um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro. Assumindo assim, o turismo como sua principal atividade econômica.

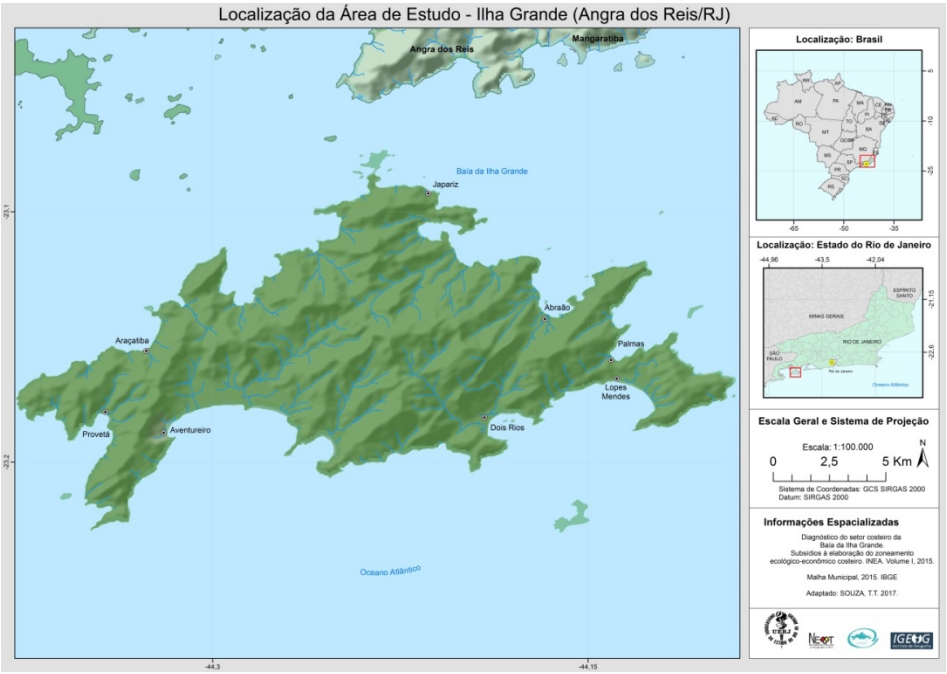


Figura1. Localização da Ilha Grande e Principais Enseadas. Fonte: Acervo NEPPT, 2018.

A ilha tornou-se um destino muito procurado desde meados da década de 1970 e 1980 com os incentivos da Convenção de Estocolmo, criando-se um plano de fundo internacional de proteção ambiental e da implantação das Unidades de Conservação em seu território: Parque Estadual da Ilha Grande (1978); Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (1981); e Área de Proteção Ambiental Tamoios (1982). Já a partir de 1990, período em que o Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) cessou sua atividade, observa o início do processo de ocupação intensa do turismo, tendo em sua segunda metade, mudanças ocorrendo com grande rapidez, e não sendo acompanhadas por um devido e responsável planejamento territorial.

O seu (geo)ambiente é de fragilidade frente aos fatores da estruturação turística e constitui-se um desafio para o planejamento na perspectiva de paradigma integrador ou sistêmico[1]. Os estudos realizados pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Planejamento Territorial (NEPPT), do Instituto de Geografia da UERJ, seguem essa linha de pesquisa, e tem por objetivo auxiliar o planejamento com propostas e diretrizes de desenvolvimento territorial. Nesta monografia a temática escolhida é o Imaginário do Patrimônio na Ilha Grande, tendo como objeto de estudo as contradições de seu uso quando apropriado pela atividade turística, e comparado com as percepções do turista e visitante nas enseadas; tendo como temas articulados o conceito de Paisagem Cultural, a percepção ambiental e o histórico de uso e ocupação do solo, básico para o planejamento, em que se destacam: as unidades prisionais, as unidades de conservação e a atividade turística, que resultam em uma morfodinâmica dos acontecimentos de forma singular na ilha.

Chegou-se nessa temática a partir de estudos sobre o trinômio Geoturismo, Geoconservação e Geodiversidade. Perspectiva que traz um novo olhar em relação aos patrimônios, principalmente geológico-geomorfológicos, e do seu modo de proteção e uso, subsidiando um turismo educativo e difusor das geociências, se diferenciando de uma atividade de apreciação estética (OSTANELLO, 2012). A partir de estudos sobre os temas e de participações em campanhas de campo, entre os anos de 2015 e 2018, foi possível desenvolver uma análise da visitação pública, e apresentar uma inventariação dos potenciais patrimônios na ilha com a perspectiva do trinômio, que tiveram como propósito maior a proteção desses ambientes[2]. No decorrer da pesquisa, foi dando-se enfoque nos patrimônios geológico-geomorfológicos e histórico-culturais da ilha, e buscando entender as relações que

---

[1] DEPRÀZ, S. *Géographie des naturels proteges*: genèse, principes et enjeux territoriaux. Paris, AC 2008.

[2] FARIAS, A. B. C.; GAMA, S. V.G. da; CHIROL, A. A. *Geoturismo e Geonímia na Ilha Grande – Angra dos Reis (RJ)*: Subsídio à Visitação Pública de Abraão e Saco do Céu. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, 17(1), p. 88-104, 2017.

esses possuíam com o histórico de uso e ocupação do território insular, seu uso na atual atividade econômica – o turismo –, e a percepção dos atores sociais destes patrimônios, tendo esta percepção como uma atividade, um estender-se para o mundo, [...] as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade (TUAN, 2012). Busca-se, portanto, entender como essas relações explicam muitas das contradições expressas na ilha, principalmente as voltadas para a divulgação de um turismo de natureza insular, com a realidade encontrada pelos turistas. Esse foco foi dado a partir de novas leituras de uma Geografia que defende a construção do lugar pautada na experiência e nos sentidos, "um envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, relações sociais e a paisagem" (TUAN, 2013).

Acrescentam-se aos dizeres de YI-FU TUAN, a postulação de uma superfície terrestre extremamente variada, mesmo com um conhecimento casual, sua geografia física e a abundância de formas de vida muitos nos dizem. Ele afirma que mais variadas ainda são as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Na paisagem, os participantes do turismo se deslocam, valorizam seus produtos, modificam seus componentes e atribuem-lhes valores econômicos, sociais, afetivos ou simbólicos. Essas percepções e avaliações organizam o território insular congregando-se em três grandes esferas gestores: federal, estadual e municipal (distrital). Onde poderes, interesses e responsabilidades diferentes vão agir em níveis de influencia diversificados na ilha, lugar de outros atores sociais que também reivindicam presença e intervenções, como moradores, visitantes e turistas. Nesse lugar,expressam-se os mais variados patrimônios e suas relevâncias são medidas por sentimentos e envolvimentos destes com os atores. Portanto, é necessária uma perspectiva da geografia humanista, de percepção ambiental, para auxiliar a compreensão de como a gestão e outros atores sociais constroem o lugar Ilha Grande, a partir da identificação das leituras e significados dos patrimônios dispostos nela. O estudo do patrimônio e investimentos em suas estruturas e proteção se faz, assim, essencial para a realização de um devido planejamento territorial, que forneça subsídios a uma prática turística sustentável, principalmente para lugares, como a ilha, que possuem o turismo como principal fonte de renda.

Dentro da revisão bibliográfica, destaco as autoras: AMORIM (2009); DUTRA (2008); FREIRE (2011); PRADO (2006) e XAVIER (2008) que possibilitaram a caracterização da problemática em torno do planejamento do território insular vinculado ao município de Angra dos Reis, a Secretaria do Ambiente do Estado do Rio de Janeiro, e a instância federal, através da secretaria do Patrimônio das Terras da União. Caracterizando a

Ilha Grande a partir do XX, até os dias atuais, é perceptível a construção de três antagônicas e convergentes ilhas: uma Ilha Cárcere que está presente em todo o século XX, sendo a principal organizadora do território nas enseadas de Dois Rios e Abraão; a Ilha Proteção que vai sobrepor-se a primeira, baseando-se no discurso de proteção de um bioma com uma importância em âmbito nacional, porém bastante fragilizado, tanto pelas práticas anteriores as instaurações das Unidades de Conservação, quanto pelas ações posteriores, principalmente turísticas. E, somando-se as anteriores, uma ilha que vai se apropriar do contexto internacional de defesa ambiental, para ganhar forças e se transformar numa Ilha Turismo, confrontando-se diretamente com o peso e as marcas do cárcere, para se instituir quanto paraíso e refúgio de uma "conservada natureza" para fins de exploração turística.

> Conhecida, hoje, nacional e internacionalmente, principalmente por fazer parte de inúmeros roteiros turísticos e por suas leis de proteção da natureza, a Ilha Grande tem sido pensada, nos âmbitos mais diversos, como uma unidade. Porém, está envolvida em uma grande diversidade de histórias e questões localizadas. Com suas praias espremidas entre o mar e a montanha, a Ilha foi, em outras épocas, lugar de roças e escravos, de agricultores e pescadores, de presos e policiais. [...] Desde o final do século XIX começaram a ser instalados presídios na Ilha Grande, primeiramente na Vila do Abraão e depois na praia de Dois Rios, localizada na face oceânica da ilha. Em 1994 foi extinto o último, o Instituto Penal Cândido Mendes, em Dois Rios. (FERREIRA, 2013, p. 83)

O recorte espacial de análise foi escolhido por abarcar diferentes tipos de práticas turísticas na ilha: Lopes Mendes, Dois Rio e Circuito Abraão. A primeira enseada escolhida foi Lopes Mendes, por representar a atividade exercida pelos pacotes fechados com as agências de turismo, que realizam passeios de barcos por toda ilha. Esse destino é considerado o passeio mais realizado, chegando em média cerca de 10 barcos por dia na praia de Pouso, e mais de 50 pessoas realizando a pequena trilha que leva a praia. É também o atrativo que não possui ocupações antrópicas atuais, e o mais geológico-geomorfológico, onde são ressaltadas a extensão da praia e a vegetação de restinga, alimentando a imagem de uma ilha paradisíaca; a segunda escolhida, Dois Rios, buscou atender a prática da trilha, forma mais utilizada para chegar à enseada, e que representa o maior acervo de aspectos históricos-culturais que ressaltam o cárcere; e a terceira é o circuito Abraão, escolhido pela sua localização, o mais próximo ao centro, e seu nível fácil de acesso. Além de tratar de assuntos geológicos-geomorfológicos e históricos-culturais bem intrínsecos, e de diferentes momentos da Ilha Grande, tendo como atrativos a Praia Preta, o Lazareto, o Poção (Cachoeira dos Escravos) e o Aqueduto.

As questões que orientam essa pesquisa são: Quais dispositivos geográficos compõem estes patrimônios? Como eles são veiculados pela atividade turística? O que o turista e

visitante buscavam sentir, e realmente sentiram ao estar em contato com o patrimônio? A fim de respondê-las, o objetivo principal da Monografia é identificar as contradições do Imaginário da Ilha Grande, entre as veiculações feitas pelas agências de viagens, com as percepções dos turistas e visitantes. Baseando-se nas diferentes interpretações e significados atribuídos aos patrimônios histórico-culturais e geológico-geomorfológicos, presentes na forma de atrativos nas enseadas de Abraão, Lopes Mendes e Dois Rios. O foco da pesquisa está centrado na percepção ambiental desses agentes, buscando entender como a relação deles, ao entrarem em contato com os atrativos, distancia-se ou aproxima com as ideias já propagadas pelo turismo na ilha. A partir dessa percepção, também é possível diagnosticar os pontos positivos e negativos relacionados à infraestrutura e equipamentos funcionais na recepção dos agentes turísticos na ilha.

Os objetivos específicos são:

- Compreender os simbolismos da Ilha Grande: ilha como "um lugar especial na imaginação do homem" (TUAN, 2012) e uma ilha como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento (XAVIER, 2008);
- Construir o histórico de uso e ocupação das enseadas;
- Inventariar os patrimônios, a partir das divulgações feitas pelas agências turísticas e observações no trabalho de campo;
- Exercitar a percepção dos turistas e visitantes (destacar seu mundo vivido: sentimento pelos atrativos naturais, históricos, identitários, dentre outros).

A metodologia está dividida em dois momentos: a inventariação do patrimônio; e o exercício da percepção ambiental. Esta pesquisa é desenvolvida a partir da perspectiva humanística experiencial e percepção do ambiente (XAVIER, 2007; TUAN, 2012; TUAN, 2013; OLIVEIRA, 2012) e de novas categorias de análise do espaço geográfico: exposição, composição e ponto de vista (GOMES, 2013). Em relação à inventariação patrimonial, além da apresentação de seu histórico de uso e ocupação do solo, a Geografia da Visibilidade, apresentada por Gomes (2013), auxilia na interpretação da espacialização desses patrimônios, e no seu grau de relevância e exposição pela atividade turística. Sendo esta atividade realizada a partir da análise de três sites representativos para a propagação do turismo na Ilha Grande: Ilha Grande <http://www.ilhagrande.com.br>; IlhaGrande.org <http://www.ilhagrande.org>; TripAdvisor < http://www.tripadvisor.com>, e pela observação em campo de acordo com os dispositivos de análise.

Já a percepção está sustentada na definição e uso de um questionário que visa identificar, a partir de uma interpretação do turista e visitante, e tendo como base um conhecimento ambiental prévio, as denominadas "lacunas de informação", bem como "informações distorcidas" (mitos sem sustentação científica, mas generalizados no conhecimento da sociedade).[3] Ela também buscará trazer para a Geografia o sentimento pelo lugar, a partir da perspectiva fenomenológica, exercitando no turista a sua capacidade de sentir e perceber o ambiente através dos seus sentidos. Foram realizados, no total, 30 questionários de percepção nas três enseadas (10 em cada uma delas).

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro capítulo, "A Geografia Humanística e o Turismo", é uma revisão da literatura, que busca apresentar as inter-relações entre Geografia Humanística e Turismo, além de contextualizar a temática do patrimônio dentro dos ensaios de percepção geográfica. Ele está subdivido em dois tópicos: "A Percepção Geográfica: Experienciar o Ambiente", que traz a metodologia da percepção, e da experimentação do ambiente para se compreender as dinâmicas e relações dos turistas e visitantes com o meio; e o "O interesse do olhar: ponto de vista; composição; exposição" que trabalha a metodologia utilizada para entender como a espacialização dos patrimônios e os discursos atribuídos a eles constroem o imaginário atual da Ilha Grande.

O segundo capítulo "O sentimento pelo lugar: o patrimônio" apresenta-se o conceito de Patrimônio como Paisagem Cultural, e a defesa de um patrimônio que deve ser preservado a partir do seu valor e sentimento emanado pelo homem. Em seguida, é dado enfoque no território insular com o terceiro capítulo "Transfiguração: do cárcere ao turismo", onde são trabalhados os discursos de imaginários, e buscado compreender os simbolismos da ilha ao longo do século XX e XXI. Para isto, são utilizados três eixos temáticos centrais apresentados nos itens: 3.1 O Histórico do Cárcere; 3.2 O Encantamento da Insularidade; 3.3 As Demandas de Conservação da Natureza.

Do capítulo 4 ao 6, é tratado o histórico de uso e ocupação das enseadas de Abraão, Dois Rios e Lopes Mendes, além de subcapítulos que apresentam as contradições dos discursos propagados pelo turismo, com as percepções dos turistas e visitantes. O capítulo 4, Abaão: o fantasma da enfermidade e a passividade turística, apresenta o resultados da enseada de Abraão, subcapítulo "A Porta de Entrada da Ilha Grande; o capítulo 5 , O Caldeirão do Diabo: O Fantasma do Cárcere, é designado para as análises dos dados de Dois Rios, com o

---

[3] Fernandes, R.; Souza, V.; Pelissari, V.; Fernandes, S. *Da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental*. Rede CEAs – USP, disponível em: www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf

subcapítulo “Da Conservação Penal ao Cárcere Turístico”; e por último, o capítulo 6, “A Busca pela Inocência Paradisíaca: O Assombo do Turismo”, que trabalha as contradições na enseada de Lopes Mendes, tendo como subcapítulo o 6.1, “A Mais Bela Praia da Ilha da Grande”.

1. A GEOGRAFIA HUMANÍSTICA E O TURISMO

> Sentir um lugar é registrado por nossos músculos e ossos. (TUAN, 2013).

De acordo com Xavier (2007), o homem, na lógica do turismo moderno, vem causando modificações diversificadas para atender às suas necessidades e aos seus prazeres do momento, nem sempre com preocupações de longo prazo. Frequentemente, os lugares são vistos como simples referencias espaciais ou como palcos para o desenvolvimento econômico. Tal situação desperta preocupações em melhor conhecer a conduta das pessoas diante da expansão do turismo, e em buscar as contribuições que a Geografia possa oferecer nesse processo.

As inter-relações entre a Geografia e o Turismo são bastante íntimas e profundas, quando vistas a partir de aspectos vinculados à organização dos espaços, às atividades do homem, e aos seus deslocamentos, organizando assim, uma interação homem-natureza. A revolução do turismo observa maior complexidade dessas relações, tanto entre pessoas e os componentes naturais, quanto entre os próprios grupos sociais, que vai exigir uma maior exploração dos recursos disponíveis. Na busca desses recursos considerados aqui tanto componentes favoráveis espaciais, quanto eventos prejudiciais, com o propósito de satisfazer suas necessidades, o homem defronta-se com as contradições resultantes de todas essas formas de interação. O turismo praticado atualmente na Ilha Grande se depara com diversas dessas questões, como: a contradição ambiental, protegida pelas leis de conservação e restrição de uso, mas que também é o seu grande cartão-postal; e o componente social, com os conflitos dos diferentes grupos que compõem a ilha, o caso dos caiçaras, a população ligada à história do cárcere, os religiosos de Provetá, e os mais recentes moradores com um discurso ambientalista. Além, de uma própria população dependente desta atividade econômica, e que se encontra no meio dessas duas centrais questões, na qual o grande problema está voltado para falta de representação dos locais nas tomadas de decisões, e principais ações desse uso.

> A ideia de que é necessário incluir as populações locais e mesmo os outros atores da sociedade civil nas decisões do governo, nos seus diversos níveis, e, sobretudo, na gestão das 98 unidades, embora amplamente referida nesses espaços, está ainda por se afirmar. Apesar da generalização do discurso da participação, as atitudes dos representantes de órgãos públicos, com exceções, costumam ser impositivas e centralizadoras. Faz parte desse problema, inclusive, a falta de autonomia, por exemplo, dos chefes das unidades de conservação, que são frequentemente chamados de administradores pelo próprio órgão, o que demonstra um enfoque sobre suas competências muito mais voltado para o cumprimento de tarefas práticas do que para a construção de uma governança local, como é sugerido no ideário dos conselhos. As decisões tomadas por um chefe de unidade, mesmo sobre assuntos

> mais locais, estão sempre referidas à consulta da sede no Rio de Janeiro. (FERREIRA, 2010, p. 98)

Nessa abordagem, focaliza-se o estudo do turismo como fenômeno social e espacial. Busca-se compreender a complexidade das relações, considerando a noção de territorialidade de forma a englobar o físico, o ecológico, o ético, o social e o psicológico. A percepção geográfica é coerente com esse estudo, por envolver aspectos sociais e territoriais, que são pilares básicos da atividade turística. Essa dimensão vem sendo utilizada em diversas partes do mundo, principalmente como subsidio para o planejamento do meio ambiente e, por extensão, para o planejamento do turismo.[4]

> Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] A visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). (TUAN, 1980, p. 04)

A imagem do meio ambiente é considerada o resultado de um processo bilateral entre o observador e o observado. Pode variar significativamente entre os observadores, pois as pessoas atribuem significados particulares aos objetos. Com isso, afirma-se que a percepção dos visitantes e turistas são resultados dos processos atuais de interesses sobre o território insular. De acordo com Tuan, (2012), defende-se que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teorética porque o homem é, de fato, o dominante ecológico, e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado. Com isso, há a necessidade de estudos de percepção que se tornem subsídios para um planejamento territorial cada vez mais responsável e sustentável socialmente, o que garante ao visitante/turista o direito do conhecimento, com um uso menos exploratório e mais educativo.[5]

---

[4] XAVIER, H. *A Percepção Geográfica do Turismo*. (Série Turismo) São Paulo: Aleph, 2007.

[5] "A importância da pesquisa em percepção ambiental para o planejamento do ambiente foi ressaltada pela UNESCO em 1973. Uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes." FERNANDES, R.; SOUZA, V.; PELISSARI, V.; FERNANDES, S. *Da percepção ambiental como instrumento*

Dentro dos estudos voltados para a qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos- muitas vezes ambivalentes. Lugar aqui pode ser considerado como segurança, diferente do espaço, que já é interpretado como liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Os geógrafos estudam os lugares, já os planejadores evocam um sentido de lugar. Assim, o leigo aceita sem muita hesitação, dos planejadores e propagandistas, slogans sobre o ambiente que tenha recebido por meio da mídia, esquecendo-se facilmente da rica informação derivada da experiência, da qual dependem essas abstrações. No entanto, é possível articular sutis experiências humanas, tarefa a que os artistas vêm se dedicando, - frequentemente com êxito (TUAN, 2015). Portanto, a busca pela intrínseca relação entre o que se é propagado e estimulado imaginar, com o que de fato é experienciado que é o grande desafio de estudos de percepção.

Importante destacar a diferenciação entre o visitante e o nativo e as formas que focalizam ao meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável, os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não tem, talvez, muita importância. Já na sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 2012). O ponto de vista do visitante, por ser simples e direto, é facilmente enunciado, sua confrontação com a novidade, também é uma forma de se manifestar. Em contraponto, a atitude complexa do nativo apenas poderá ser expressa por meio da manifestação da tradição local, do conhecimento e mito. Afirma-se que a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética, é a visão de um estranho que vai julgar pela aparência, por algum critério formal de beleza. A Ilha Grande é entendida assim, pela sua beleza paisagística, criada a partir de critérios internacionais de encantamento com a natureza, a exaltação do intocável e puro. O turismo realizado na ilha muito se faz da contemplação do belo, que em grande maioria trata de forma superficial os elementos que compõem a paisagem, seja pela falta de conhecimento cientifico e cultural, ou pela fácil compra do turista aos discursos sem

---

de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. p. 2. Rede CEAs – USP.Disponível em: www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf. Acesso em Janeiro de 2018.

profundidade de interação com a “floresta tropical”. Porém, mesmo que ainda raso, o julgamento do visitante é muitas vezes válido, na qual sua principal contribuição é a perspectiva nova: frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos em um meio ambiente que não são mais visíveis para o residente.

1.1 A Percepção Geográfica: Experienciar o Ambiente

> A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. (TUAN, 2012)

O estudo da percepção ambiental é de fundamental para que se possam compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas satisfações, insatisfações, anseios e condutas. Cada indivíduo percebe, reage e responde de forma diferente às ações sobre o ambiente em que vive. Essas respostas ou manifestações são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Segundo Tuan (2012), o meio ambiente artificial construído é resultado dos processos mentais, de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentir confortáveis na natureza. As intimidades efêmeras mediante a experiência direta, e a verdadeira qualidade de um lugar frequentemente passam despercebidas, pois a cabeça está cheia de ideias reproduzidas de forma desgastadas. As informações dos sentidos são cotidianamente afastadas para favorecer o que nos foi ensinado a ver, e a admirar. A experiência pessoal e individual cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente.

Portanto, visando retomar as percepções individuais e pessoais, a percepção geográfica tem sido empregada como uma das estratégias na tomada de consciência da população para numerosos problemas. Segundo Xavier (2007), a percepção geográfica é considerada de crucial importância para o melhor entendimento da conduta do homem no espaço geográfico, conduzindo a esclarecimentos sobre suas relações com a natureza e outros grupos humanos que se evidenciam no espaço turístico. Sua pauta fundamental, quando relacionada ao turismo é o espaço. Porém, não é o espaço vazio que se conecta em ângulos retos, mas aquele em se caminham, fazem trilhas, praticam aventuras, valorizam as paisagens e se deslocam para o lazer. Com isso, a compreensão cognitiva do espaço torna-se mais abrangente, razão pela qual ela tem constituído a preocupação de muitos geógrafos, turismólogos e outros profissionais ligados aos estudos da percepção.

> Para a configuração do mundo, é necessário que se estabeleça relação entre o observador e o observado. O espaço geográfico, por meio de suas propriedades espaciais, fornece informações. O observador, por meio de um sistema receptor visual, coleta essas observações, cujo registro lhe permite o conhecimento do mundo físico. (XAVIER, 2007, p. 29)

De forma a valorizar as experiências do homem em seu meio ambiente e nos lugares visitados, os estudos do turismo procuram basear-se em uma abordagem humanística que encontrando fundamentos na fenomenologia e na psicologia. Dando enfoque no turista, e levando em consideração seus sentimentos e laços com o meio ambiente, busca-se uma proposta baseada na importância dos fatores culturais e da percepção na elaboração da paisagem, onde se quer destacar o mundo vivido por aquelas pessoas que estão envolvidas na atividade turística. Assim, desenvolve-se uma preocupação de conhecer e explicar as atitudes das pessoas e o valor que elas atribuem ao meio ambiente, considerando que, mais amplamente, a abordagem perceptiva poderá contribuir para a adoção de estratégias a serem empregadas na tomada de consciência da população, quanto aos benefícios e aos problemas ligados aos impactos proporcionados pelo turismo.[6]

Tuan (2012) afirma que os significados de percepção, de atitudes e de valores se suprepõem e tornam-se claros no contexto expresso em cada um desses processos. Ele considera que a atitude assumida perante o mundo é formada por longa sucessão de percepções e de experiências. Portanto, pode-se afirmar que as atitudes adotadas pelas pessoas com o turismo, principalmente turistas, espelham seus interesses e seus valores, refletindo sua visão de mundo, basicamente uma visão socialmente instituída. São certos que os fatores culturais vão interferir na visão de mundo, eles pressupõem os conceitos homem-natureza, constituindo um todo. Para conhecer melhor a preferencia ambiental de uma pessoa, é necessário examinar sua herança biológica, sua educação, seu trabalho e seus arredores físicos. O mundo é orientado por uma série de valores irradiados da própria pessoa ou de seu grupo, com isso no caso do turismo, deve-se interpretar a paisagem como uma unificação dos

---

[6] "Gibson expõe que os objetos percebidos no espaço apresentam significados. A psicologia dos significados identifica vários deles, em que se destacam: o significado primitivo concreto, a manipulação do objeto; o significado de uso, para a satisfação de necessidades, como objetos de alimentação, de trabalho ou de brinquedo; o significado de instrumento, os artefatos, construções e máquinas; os significados emocionais, que tomam uma forma atrativa ou repulsiva; o significado dos sinais, pelos quais um objeto sugere outro não significativamente presente; o significado dos símbolos abstratos, como transmissores, o dinheiro e a bandeira nacional. [...] esta lista não está esgotada... o mundo visual está saturado por muitas classes de significados e parece adquirir outros mais, à medida que se redimensiona, amplia e aprofunda." XAVIER, H. *A Percepção Geográfica do Turismo*. (Série Turismo) São Paulo: Aleph, 2007, p. 30..

valores do que é percebido.[7] Segundo Tuan (2013) a paisagem é uma combinação de pontos de vista objetivos e subjetivos, que tem lugar no olho da mente. Para ele, aprendemos desde criança a perceber com os olhos da mente, o que faz com que a paisagem não possa ser definida como limites de uma fazenda, ou o cenário de uma peça de teatro, ela é uma construção da mente e dos sentimentos. Para Xavier (2007) trata-se de uma discriminação, baseada em alguma generalidade ligada à ideia de bonito ou interessante. Paisagem é para ser observada, mas não necessariamente admirada. Pode envolver o senso estético, sem que isso seja parte integrante de sua definição. A percepção da paisagem é uma arte, e sua avaliação envolve a cultura e é influenciada pela arquitetura ou pela literatura. Colocam-se em evidencias os sentimentos ecológico e sociológico entre as tendências atuais que influenciam a percepção de paisagens.

1.2 O interesse do olhar: ponto de vista, composição, exposição

> A cena é viva, se transforma, se movimenta e evolui sob o olhar do observador. (GOMES, 2013)

A metodologia deste trabalho é desenvolvida a partir da percepção humanística geográfica e experiencial do ambiente (XAVIER, 2007; TUAN, 2012; TUAN, 2013; OLIVEIRA, 2012), e de novas categorias de análise do espaço geográfico: exposição, composição e ponto de vista (GOMES, 2013), uma Geografia da Visibilidade que vai auxiliar na inventariação dos elementos das localidades escolhidas, e que exploram as relações existentes entre imagem e posição no espaço, apresentando assim, uma proposta alternativa de proteção ambiental. O autor enfatiza as categorias que subsidiam o entendimento e a análise do campo visual do observador para avaliar como a disposição espacial colabora com o fenômeno da visibilidade. Esses aspectos estão diretamente relacionados à atratividade turística de um dado local, como é o caso do recorte espacial em questão.

Por se tratar da visibilidade de elementos dispostos em uma dada área, é importante se preocupar sobre as condições desse espaço, e como elas contribuem direta ou indiretamente para que algumas imagens sejam mais notadas, ou privilegiadas em detrimento de outra.

[7] "Meing (1979) considerou o termo paisagem como atrativo, importante e ambíguo. Atrativo por sempre trazer à mente alguma perspectiva agradável de um cenário particular, por lembrar questões ecológicas ou ambientais, por sugerir fatos para a descrição de cenas interessantes. A importância lhe é dada pelo fato de envolver assunto de interesse do publico em geral e, especialmente, dos profissionais preocupados com o desenvolvimento, as mudanças ou a reorganização do campo ou das cidades." (XAVIER, 2007, p. 38)

Porém, não basta apenas capturar o olhar, é necessário conservá-lo, para isso existem dispositivos que desde antes de se observar uma paisagem, já determinam o que deve ser percebido.[8] É importante para a Geografia se indagar sobre essas relações entre imagens e posição no espaço, e como ela eventualmente, ou deliberadamente ela colabora para o fenômeno da visibilidade. De forma a contribuir para a percepção visual, Gomes (2013) definiu categorias que classificam a espacialidade, são elas: Ponto de Vista, Composição e Exposição.

a) Ponto de Vista é um dispositivo espacial, na qual no seu sentido concreto é usado para designar lugares que oferecem uma visão panorâmica, de onde se pode observar uma paisagem, por exemplo. Porém, tem o sentido metafórico de opinião, tal qual quando olhamos a paisagem, escolhemos a posição do nosso olhar, como olhar, e a partir disso o físico se adequa, onde serão determinados o ângulo, a direção, a distância, entre outros atributos posicionais. Destaca-se que independente de ser metaforicamente, ou concretamente, quando trabalhamos com a ideia do ponto de vista é sempre ter a concepção de estar exercendo o privilégio do olhar sobre algo. "A expressão estabelece, portanto, uma relação direta entre o observador e aquilo que está sendo observado. [...] É a situação espacial que permite ao observador ver algo que de outro lugar não seria visível para ele da mesma forma." (GOMES, 2013, p. 19)

> O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que captas nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse. [...] Podemos deliberadamente procurar um referencial, ou um aspecto no horizonte pode ser tão notável que chama nossa atenção. (TUAN, 2013, p. 199)

Tratando essa categoria no recorte espacial de análise – enseadas de Abraão, Lopes Mendes e Dois Rios – busca-se compreender, a partir do histórico de uso e ocupação do solo, como essas localidades são moldadas para apresentarem os atrativos turísticos vistos hoje. Apresentar suas histórias, e como são imaginadas e transmitidas para o público é entender seu ponto de vista metafórico. Já o concreto é buscado pelo link com as demais categorias, onde se concentram os aspectos físicos da sua paisagem e a ação de contemplação da mesma. Para

[8] "Pensemos entretanto, em algums cidades que oferecem aos turistas que as visitam documentação, folders ou pequenos guias, onde são indicadas áreas no espaço com determinados percursos estabelecidos em função do tempo de permanência do visitante. Indicam o que ver, como ver, o que significam e as razões pelas quais devem ser vistas determinadas coisas." (GOMES, 2013, p. 11)

auxiliar esse estudo também foram realizadas atividades em campo como: registros fotográficos; e marcações de coordenadas. [9]

b) Composição é o conjunto estruturado de cores, formas ou coisas, resultado de uma combinação que gera algo novo, formado pela junção de diversos elementos que possui um aspecto essencial: o jogo de posições. Então, essa categoria é a forma com a dispersão desses dados juntos dão origem a um novo elemento, e correspondem a sua espacialidade, há uma ordem espacial que é a chave da composição. De acordo com o autor, a paisagem é sempre uma composição, suas formas do relevo, diferentes tipos de cobertura vegetal, ocupação das terras, entre outros elementos, se associam de modo original e a configuram, ou seja, sua composição é um jogo de posições relativas, de coisas que estão dispersas sobre um mesmo plano.

Estudar essa categoria é compreender sua espacialidade, e o lugar dos elementos nesse conjunto. Ela é apresentada neste trabalho em dois momentos: em um descritivo item de geografia física e uso do solo; e nas percepções dos turistas que foram trabalhadas em campo a partir da aplicação de questionários de percepção ambiental (Anexo 1) baseados nas suas experiências com os ambientes, em questões voltadas para o conhecimento, de forma geral, da Ilha Grande.

c) Pela categoria exposição, tem-se a questão voltada para a posição de exterioridade. O autor coloca a importância de se compreender as coisas segundo uma classificação que institui o que deve ser exibido e o que deve ser escondido.

> Lugares de exposição são lugares de grande e legitima visibilidade. O que ali se coloca tem um comprometimento fundamental com a ideia de que deve ser visto, olhado, observado, apreciado, julgado. Isso também significa dizer que socialmente estabelecemos lugares onde essa visibilidade deve ser praticada, segundo complexas escalas de valores e significações. [...] Dessa maneira, as dinâmicas que afetam a visibilidade, aquilo que deve ser reunido na compreensão da vida social. Essa constatação já poderia ser uma justificativa suficiente para a afirmação da relevância do olhar geográfico. (GOMES, 2013, p.23)

Essa categoria é destacada neste estudo nos questionário de percepção ambiental, onde são colocados, a partir da visão do turista, os pontos de maior destaque, tanto de forma positiva quanto negativa, da paisagem. É também exercitada na estimulação de um olhar

[9] "Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhece-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o pesa da realidade porque conhecemos apenas de fora- através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico." (YI-FU TUAN, 2013, p. 240)

crítico do observador para perceber se há ou não certos componentes que praticam interferências no ambiente.

Destaca-se o auxilio de alguns conceitos chaves para o desenvolvimento desta pesquisa: visibilidade, paisagem e espaço. Todos baseados nas definições feitas por Gomes (2013). O conceito de Visibilidade depende da morfologia do sítio, da existência de um público e da produção de uma narrativa dentro da qual aquela coisa, pessoa ou fenômeno encontra sentido, merecendo, assim, destaque. Destaca-se a cartografia do olhar que, de acordo com o autor, o tipo de espaço, o lugar ocupado, a rede de relações dessa posição podem atuar como critérios que guiam o olhar e o interesse, conferindo diferentes graus de visibilidade às coisas.

O conceito de Paisagem é uma dimensão composicional, ou seja, o de associação de coisas pela posição em que se encontram, que é uma das bases do raciocínio geográfico, e também definidas pelo ponto de vista, ou melhor, o enquadramento do olhar, seu delimitador. Dependendo da posição em que nos encontramos, do ângulo, da distância, diferentes coisas aparecerão e podem parecer mais ou menos importantes que outras. Por último, o conceito de Espaço que o autor chama a atenção sobre a dificuldade de definição:

> Na geografia passamos, às vezes, horas argumentando, escrevemos muitas páginas para tentar dizer que o espaço não é um mero reflexo da sociedade, que ele não é determinado por ela, ele é uma condição necessária para que a sociedade se organize e consiga viver sob determinadas formas, ele é um elemento estrutural e estruturante. Tudo isso está contido em uma pequena sequência de alguns poucos minutos, eis o poder da imagem. (GOMES, 2013, p. 119)

2. O SENTIMENTO PELO LUGAR: O PATRIMÔNIO

> Na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado. TUAN (2013)

Segundo Ferreira (2013) a ideia de proteção à natureza na Ilha Grande tornou-se trivial, e ocupa, mesmo que de formas diferentes, o imaginário e o discurso tanto dos órgãos públicos, como também de instituições da sociedade civil organizada, do mercado turístico e, de forma ampla, do senso comum. Articula-se a ele a noção de patrimônio, que, por sua vez, está perpassada pela ideia de herança, da necessidade da salvaguarda e permanência de elementos e recursos pertencentes a um passado, perante processos destrutivos do presente. Essa ideia está presente no livro "A retórica da perda: Os discursos do patrimônio cultural no Brasil", onde Gonçalves (1996) trabalha a ideia de que o discurso patrimonialista que surgiu no Brasil na década de 1930 estava, e ainda está, fortemente ligado à construção e reconstrução contínua da identidade nacional. Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, o que resultou num ataque constante às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. Demonstra com isso que, para além de sua dimensão cognitiva, a patrimonialização possui também consequências como ação simbólica, ou seja, possui uma dimensão política.

Esse processo de patrimonialização é um fenômeno na qual faz parte um processo de hibridização das culturas, e que torna essencial sua redescoberta do passado, assim, cultura e natureza aliam-se à valorização da memória e das tradições. Por isso, temas como esses são recorrentes em diversos campos do conhecimento, principalmente projetos destinados à reconstrução de memórias, a elaborações de inventários de elementos naturais e culturais e ao ordenamento dos dados de forma a que se tornem compreensíveis e atraentes para um público ávido pelo consumo de reminiscências do passado e da natureza.[10]

De acordo com Figueiredo (2013), o patrimônio cultural e suas categorias de análise possuem uma expressão espacial constituída na própria identidade. O autor afirma que quando

[10] "Ao lado do que se denomina como destruição desses patrimônios, pela priorização aos grandes interesses econômicos, despontam políticas públicas destinadas à sua proteção. E também, expande-se o interesse em investimentos privados na área, configurando uma nova atribuição de sentido ao patrimônio natural e cultural, além dos valores científicos, documentais, simbólicos e afetivos: o valor de mercado, muito acionado pelo turismo." (FERREIRA, 2013, p. 61)

o espaço transpõe o tempo na memória social ele torna-se patrimônio, campo conflituoso de representações sócio-políticas. Trata-se de um balanço provisório e teórico, procurando dar densidade as reflexões sobre o uso e ocupação do território a partir da ação de patrimonializar. Assim, o olhar do geógrafo é fundamental, pois foca na própria espacialidade, que se resulta da produção social, e refletir sobre as lógicas dos bastidores desse processo de patrimonialização é essencial, a partir do qual o conhecimento empírico se identifica rapidamente como paisagem, gerando importantes transformações sócio-espaciais.

Paisagem Cultural é uma nova categoria de patrimônio e um instrumento importante em processos de tombamento. O conceito foi apropriado pela UNESCO em 1992 para representar bens patrimoniais de relevância internacional no qual se manifestava uma influência mútua entre ação humana e meio ambiente. Com essa instituição, a concepção de patrimônio bipartida, entre bem natural e bem cultural, passa para uma noção de patrimônio misto, integrado e interdependente, com um processo lento da consideração do valor cultural de paisagens naturais. Como afirma Figueiredo (2013) na mesma direção, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao inventariar patrimônios materiais ou imateriais, seleciona seus territórios, ou seja; é no espaço que se materializa a ideia do tombamento. E a Geografia, que sempre trabalhou com esses conceitos espaciais, não pode ficar alheia desse processo. Para o autor, o lugar equivale a uma representação, pois existe no real e transcende a ele, sendo imageado pelos indivíduos, levando em consideração os diferentes níveis de percepção espacial e do maior ou menor nível de inteligibilidade que o espaço geográfico adquire.

Há um sentimento de pertencimento entre o homem e o espaço, e este demonstra o apreço e/ou amor ao lugar, que se internaliza nos indivíduos ao passo que ao se apropriarem do espaço, inserindo-o em seu cotidiano, reconhecem nele a própria extensão de sua vida. Assumir a relação que se estabelece entre as pessoas, sua sociedade e a herança que elas recebem, é identificar dentro da geografia uma dimensão que deve compreender o passado, presente e futuro como uma memória e um sentimento revivido e respeitado.[11] Pode-se então afirmar que a importância e o reconhecimento da paisagem culturalmente construída deve ser atreladas à valorização das ações humanas no seu processo de transformação. A revalorização das características fundamentais do humanismo recolocou o homem no centro das

[11] "[...] aceitar que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no locus da construção da identidade espacial de um grupo." (ZANATTA, 2008, p, 231)

preocupações dos geógrafos culturais, como produtor e produto do seu próprio mundo (ZANATTA, 2011).

Como defende Figueiredo (2013), no final da década de 1960 surge uma nova corrente que valorizou a subjetividade na pesquisa geográfica e foi caracterizada como Nova Geografia Cultural. Este movimento de renovação incluiu nos estudos e pesquisas da geografia os aspectos intangíveis e subjetivos da paisagem. Berque, um dos principais defensores desta nova Geografia, defende,

> [...] a paisagem como marca e como matriz, marca porque expressa uma civilização, mas também é matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, os quais canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. (BERQUE, 1998, p. 78)

Na abordagem de uma perspectiva simbólica, o geógrafo afirma que "a paisagem é um conceito valioso para uma geografia efetivamente humana, pois ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza". (COSGROVE, 1998, p. 42). Para Figueiredo (2013), essa abordagem realizada a respeito dos conceitos da Geografia Cultural é fundamental, pois tais reflexões estão presentes nos estudos ligados à preservação do patrimônio cultural e da paisagem. A partir dessa nova conceptualização, a UNESCO passou a adotar três categorias diferentes de paisagem para serem inscritas como patrimônio: a) Paisagem claramente definida: são classificados os parques e jardins. Pois são as paisagens desenhadas e criadas intencionalmente; b) Paisagem evoluída organicamente: paisagens que resultam de um imperativo inicial social, econômico, administrativo e/ou religioso e desenvolveu sua forma atual através da associação com o seu meio natural e em resposta ao mesmo; c) Paisagem cultural associativa: tem seu valor dado em função das associações que são feitas acerca delas, mesmo que não haja manifestações materiais da vida humana.

No Brasil, IPHAN, através da Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009, estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira como uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do ser humano com o meio natural, em que a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores (BRASIL, 2009). Para Meneses (2002, apud FIGUEIREDO, 2013), a consideração da paisagem como patrimônio ocorreu pelo processo de monumentalização que atribui aos elementos da paisagem fetiches sacralizados, dotados de valores próprios, como se fossem autônomos, imutáveis, independentes das contingências das esferas sociocultural, independentes, também, do próprio contexto ambiental. "Ao sobressair, o monumento assume, sozinho, os significados dispersos no espaço de que faz parte" (MENESES, 2002, p. 50 apud FIGUEIREDO, p. 64, 2013).

De acordo com o Conselho Internacional de Monumentos (ICOMOS), a inscrição de Paisagem Cultural se justifica ilustrar a trajetória histórica da sociedade humana e seus assentamentos sob a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, como também pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, que nelas interferem. Assim, são valorizados tanto a interação homem com o meio ambiente quanto a soma dos valores, funções e sentimentos a ele associados e estabelecidos em um território. A Carta de Bagé ou Cartas das Paisagens Culturais, documento referência na discussão da Paisagem Cultural no Brasil, foi construída na Jornada "Paisagens Culturais: novos conceitos, novos desafios", um encontro realizado em agosto de 2007, em Bagé (RS), que possibilitou a integração da programação do Seminário Semana do Patrimônio – Cultura e Memória na Fronteira. Essa carta tem por objetivo "a defesa das paisagens culturais em geral e, mais especificamente, do território dos Pampas e das paisagens culturais de fronteira" (IPHAN et al., 2007, p. 01).

> A Paisagem Cultural Brasileira é assim definida como o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com o homem, passíveis de leituras espaciais e temporais. (IPHAN et. al., CARTA DE BAGÉ, 2007, p. 02)

Essa interação entre o homem e o meio ambiente atribui ao patrimônio a capacidade de estimular a memória e os sentimentos das pessoas, principalmente daquelas vinculadas a ele, tornando-se assim alvo de importantes estratégias que buscam sua promoção e preservação. O passado só permanece "vivo" através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o individuo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória "viva" (ALBERTI, 2004, p. 15). Porém, a memória acaba por sofre algumas alterações, podendo-se afirma que ela é construída de forma consciente ou não, tornando assim seu sentimento político e ligado a certa realidade. Com isso, ao passo que se entende patrimônio como algo que recebemos do passado, vivenciamos no presente, e transmitimos as gerações futuras, é portanto considerado como aquilo que é historicamente construído, e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos, sentimento esse, que acaba por assegurar uma identidade cultural, porém, não mais local.[12]

---

[12] "Uma comunidade realmente enraizada pode ter santuários e monumentos, mas é improvável que tenha museus e sociedades para preservar o passado. O esforço para evocar um sentimento pelo lugar e pelo passado, frequentemente é deliberado e consciente. Até onde o esforço é consciente, é a mente que trabalha, e a mente- se lhe permitimos exercer seu domínio imperial- anulará o passado, transformando tudo em conhecimento presente." (YI-FU TUAN, 2013, p. 240)

> Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. O resultado é o espaço cultural e arquitetural e, em grande escala, a cidade planejada. Aqui o progresso vai desde sentimentos rudimentares pelo espaço e fugazes discernimentos na natureza até a sua concretização material e pública.(TUAN, 2013, p. 28)

A visão holística da percepção ambiental em outras áreas da ciência, como na arquitetura e na comunicação, aborda questões sobre o comportamento humano, colocando este como resultante de um processo preceptivo que tem o ambiente como um fator fundamental. Como afirma Tuan, os projetistas não devem se preocupar só com a construção que se faz, mas com a composição em relação ao ambiente. Isto porque ao passo que as pessoas mudam várias vez de casa, ou de trabalho demonstrando pouca afetividade, é perceptível que a variável de maior importância para uma relação de pertencimento com o ambiente está na harmonia e na boa convivência.

Diante dessas questões, defende-se a salvaguarda de um patrimônio não pela memória que preserva, mas sim, pelo sentimento que ele desperta no homem. Vivemos no gerúndio, ações estão em movimento a todo instante. Modelamos e remodelamos o patrimônio a cada novo significado atribuído, o que gera a sua existência e assim, sua função de guarda, são os sentimentos e relações do lugar com o sujeito. Há de se pautar também, que não necessariamente estar presente diariamente em um lugar é a única relação possível de se estabelecer vínculos e identidades. Com a intensificação da indústria do turismo, as relações se estreitam e laços começam a ser formados entre o turista e o local visitado. A busca por conhecer novos lugares, ou de se conectar com novas paisagens e culturas, reflete sentimentos e vínculos estabelecidos por desejos e estimulados pelas atividades turísticas.

Afirma-se, então, que um sentimento de pertencimento e ligação com lugares, mesmo que distantes, já se realizam na organização de uma viagem ou deslocamento. O que move o turismo são as relações afetivas, positivas ou negativas, com o local de destino.[13] As atividades propostas pelos lugares receptivos desses grupos vão definir práticas e estimular sentimentos locacionais no turista. Tal como o turismo de natureza, que proporciona uma relação de pertencimento com o natural, discursa o resgate do homem à sua "verdadeira essência", e estabelece conexões que, de forma individual, vão gerar sentimentos e vínculos.

---

[13] "As emoções dão colorido a toda a experiência humana, incluindo níveis altos do pensamento. [...] O pensamento dá colorido a toda a experiência humana, incluindo as sensações primárias de calor e frio, prazer e dor." (TUAN, 2012, p. 12)

Estabelecendo o que pode se chamar de reverso do Patrimônio; onde o que vai preservar o lugar, será a memória e sentimentos do turista, e não o que acontece normalmente; o lugar tendo o caráter de preservar a memória.

Ao apresentar seu neologismo, *Topofilia,* Tuan (2012) busca uma diferente forma de entender a relação entre o homem e o seu ambiente material; ele traz o elo afetivo e os sentimentos como fundamentais para um conceito difuso, vivido e concreto como experiência pessoal. Dessa relação, para o autor, a reposta do meio ambiente pode ser basicamente estética: pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. Ela também pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Porém, a terceira é as mais permanentes e difíceis de expressar: os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. "A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo." (TUAN, 2012, p. 136)

Entretanto, não descarta a consciência do passado, pois ela é um elemento importante no amor pelo lugar. A história do lugar é responsável pelo amor à terra natal. Como Tuan (2012) apresenta, na forma de exemplo, os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra), ou recorrem à história: "Para o Aranda, as montanhas, riachos, fontes e poços não são apenas cênicos interessantes ou bonitos; são a obra de antepassados dos quais eles descendem." (TUAN, 2012)

> Na Ilha Grande, as patrimonializações que são postas em ação através das leis e normas que regulam o "meio ambiente" e também o turismo, em determinados momentos se apresentam como complementares e em outros, como conflitantes. [...] O patrimônio se configura como um espaço de luta material e simbólica entre os grupos. Nesse campo, em que há uma hegemonia das elites econômicas e políticas, fica claro que são esses os setores que detêm o poder para definir a importância dos bens e a necessidade de sua preservação, decretando muitas vezes a destruição daqueles que atrapalham a consecução de seus interesses e objetivos. Além disso, há também os embates entre visões técnicas e setoriais, que, muitas vezes, apesar de terem objetivos semelhantes, entram em disputa por compreensões conflitantes e interesses contraditórios. (FERREIRA, 2013, p. 70)

Como afirma Ferreira (2013), o turismo muito tem se utilizado do discurso sobre patrimônio, tanto no que concerne à criação de atrativos, produtos e roteiros, como também nos projetos de planejamento de destinos. No âmbito do debate sobre patrimônio e

conservação se insere, ainda, a busca por formas alternativas de turismo, baseadas na noção de sustentabilidade e no paradigma do desenvolvimento com base local ou comunitária e na valorização das culturas locais, tradicionais e rurais. Os processos de patrimonialização, acionados tanto pelo "ambientalismo" quanto pelo turismo, articulam lógicas, visões de mundo e práticas diversas e concorrentes.

Nesse contexto, a preservação do patrimônio e da memória é algo em disputa, de um lado a busca pelas origens e identidades verdadeiras e do outro lado, com o apoio institucional, novas perspectivas pré-determinadas se impõem com uma nova imagem, pressupostamente durável, que visam se sobrepuser aos espaços anteriores, concretizando assim o seu discurso e sua ideologia. Desse modo, esses espaços perderiam seu verdadeiro conceito de obra, substituindo seu real valor de uso pela expropriação do valor de troca. Então, defender-se o sentimento como patrimônio é lançar mão dessa dicotomia de preservação, e expor o que de fato se sente, e quais as relações buscadas pelo homem, em especial o turista, em cada ambiente da Ilha Grande.

3. TRANSFIGURAÇÃO: DO CÁRCERE AO TURISMO

A bela que se quer proteger. (PRADO, 2006)

A ilha sempre foi perseguida por fantasmas.[14] Desde o que se considera contar como início de sua história – século XVI, mas precisamente em 1502, com a suposta descoberta do navegador Gonçalo Coelho – ela vem carregada de uma névoa mística. Experimentou inúmeros ciclos econômicos: exploração da cana-de-açúcar, criação de gado, entreposto de escravos, área de quarentena para tripulações enfermas originárias de longas viagens e até repositório de presos políticos e comuns. Ela retoma a entrepostos comercias de piratas de séculos prévios a sua descoberta (tratado aqui como um encontro); a resistência à colonização com a guerra de Tamoios, e os povos locais defendendo sua "Ipaum Guaçu[15]"; e a tráfico ilegal de escravos. A ilha também tem fantasmas que transbordaram do continente. Fantasmas do patrimônio da Coroa: fazenda, cana-de-açúcar, café, enfermidades, presídio. Continuação deste último, no cárcere de uma instituição de Governo que tanto conservou, quanto destruiu. Fantasmas que ainda estão presentes mesmo que muito escondidos pelo mais recente assombro: o turismo. Esse que impacta tanto quanto os pretéritos e possui a máscara de atrativo; o turismo, até agora, é a mais fantasmagórica assombração da ilha.

> Durante todo seu processo de povoamento e ocupação, a Ilha Grande passou por diversos ciclos econômicos como o plantio de cana-de-açúcar e de café (a partir do século XIX), e posteriormente (década de 1920) o beneficiamento de sardinha em diversas fábricas instaladas por japoneses em algumas de suas praias, mas que nos anos 1970 já estavam praticamente extintas. As culturas de cana e café foram abandonadas devido ao esgotamento do solo e também ao alto custo de transporte dos produtos por estar localizada em uma ilha oceânica. Durante a maior parte do século XX, as atividades econômicas na Ilha Grande, além dessas fábricas, concentravam-se basicamente em uma pequena agricultura voltada ao autoconsumo e a pesca. A quantidade de peixes no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, porém, devido aos métodos predatórios de grandes empresas de pesca reduziu-se de maneira decisiva (BASTOS *et al*., 2009 *apud* FERREIRA, 2013, p.64)

É um território que se destaca pela grande complexidade e diversidade natural. Tendo sua morfologia como resultante de um longo processo histórico geológico-geomorfológico, e de um intenso processo de alterações da paisagem submetidas a interferências de regimes climáticos.[16] Sua hidrografia é composta de inúmeros córregos de curta extensão que

---

[14] Fan.tas.ma *sm.* 1. Imagem ilusória. – Dicionário Aurélio

[15] Os Tupinambás chamavam a Ilha Grande de Ipaum Guaçu. A primeira palavra significa “Ilha” enquanto Guaçu denota “Grande”.

[16] Estas condicionantes geológicos-geomorfológicos associados ao clima tropical úmido (freqüentes modificaçõesdas condições de vento em razão da passagem de frentes frias) foram responsáveis pela grande diversidade de feições naturais. A Ilha fazia parte da plataforma continental brasileira, quando houve

desaguam nas enseadas, e servem como fonte de abastecimento para a população, além do uso turístico em suas cachoeiras e piscinas naturais. A vegetação está inserida no domínio da Mata Atlântica, predominando a floresta ombrófila densa (terras baixas, submontanhas e montanhas) e áreas de restinga e mangue, que foram bastante alteradas, causando modificações profundas do seu quadro original, em razão das mais variadas atividades humanas ao longo do seu processo de ocupação.

O turismo é composto de esquemas e redes que perpassam por dispositivos geográficos da ilha, atingindo conexões virtuais - redes sociais, sites. Os interesses que o permeiam são compostos por cargas diferentes de sentimentos emocionais, históricos e econômicos. Sentimentos que se articulam ora de forma passiva, harmonizando a paisagem, ora entrando em contradições como reafirmação de sua presença. Por isso, o turismo é fantasmagórico; ele, ao mesmo tempo em que se intensificou a partir da negação dos fantasmas, transforma esses em atrativos, ilusão, e memória. Na ilha, de forma mais agressiva, o turismo vem gerando impactos de ordem social, cultural e ecológica, transformando paisagens pelo capital e excluindo do processo turístico camadas da população de menor poder executivo.

> Desde o nascimento da era do turismo de massa, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, jamais uma atividade do homem produziu mudanças tão profundas e rápidas como as ligadas ao turismo e ao lazer. A consequente profissionalização e supersegmentação da demanda, o uso de novas tecnologias, a globalização dos mercados e as transformações politicas, apenas iniciadas no mundo, pressupõem o aparecimento de novos paradigmas. (XAVIER, 2007, p. 24)

A resistência de uma Ilha Cárcere com as ruínas e o Ecomuseu em Dois Rios, que engloba a ilha enfermidades, e de patrimônio da colônia com o Lazareto e o Aqueduto em Abraão; e a Ilha Conservação com o povo caiçara, as unidades de conservação e as praias de Lopes Mendes se fazem contraditórias e resultantes de processos histórico-sociais, e geológicos-geomorfológicos na paisagem da Ilha Grande. A paisagem é o resultado da acumulação de tempos, sendo sua forma alterada, renovada, suprimida e mantida em permanente modificação, em acompanhamento das transformações, formando assim, a Ilha Turismo. É nela que os participantes do turismo se deslocam, valorizam seus produtos, modificam seus componentes e atribuem-lhes valores econômicos, sociais, afetivos ou simbólicos.

---

afogamento do litoral sul do estado do Rio de Janeiro, no período holocênico, como resposta às condicionantes téctono-estruturais segundo apresentam os trabalhos de Martin & Suguio (1978,1989).

A ilha tem sua história firmada em um recorte de tempo de 510 anos - salvo os registros de sambaquis[17], e contada por mãos não calejadas de sua construção. Suas transformações perpassam por três características essenciais para entender seu todo: o cárcere; sua disposição geográfica; e a conservação. A disposição de seus símbolos e suas representações moldam uma ilha de significados ambivalentes: como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento (XAVIER, 2008), e "um lugar especial na imaginação do homem" (TUAN, 2012). Quem propaga sua definida memória e principais funções de uso são agências de viagens e pacotes turísticos, que usam do misticismo histórico do território insular para divulgar o atual encantamento da natureza e da paisagem, álibis de um turismo exploratório.

> O poder para definir o que se protege na Ilha é, a princípio, monopolizado pelo Estado, através dos órgãos ambientais. Os mercados do turismo e imobiliário (que são relacionados) disputam essa hegemonia, negociando áreas ou mesmo desrespeitando a legislação. Entretanto, é importante perceber, que os poderes hegemônicos não atuam sozinhos. As contra hegemonias, que se tecem nos meios subalternos, podem se associar àquelas que se tramam no próprio Estado e até mesmo no mercado, tornando complexas as pertenças territoriais e as patrimonializações. (FERREIRA, 2016, p. 70)

3.1 O Histórico do Cárcere

> Uma ilha como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento. (XAVIER, 2008)

A geopolítica das prisões, implantadas a partir da criação das colônias correcionais, teve como principais estratégias a utilização de navios, colônias correcionais, prisões comuns ou ilhas para o confinamento carcerário, lugares onde além da custódia, eram realizados sessões de torturas aos presos. Com o crescimento das manifestações contrárias ao suplício, as formas de punir começaram a se modificar com a eliminação de punições corporais em praça pública e as torturas que visavam à materialização do crime no corpo do condenado. Nesse contexto, durante o final do século XIX e início do século XX, o governo federal determinou a realização de estudos para a construção de presídios em ilhas localizadas no Litoral Fluminense e, principalmente, no Paulista. O intuito, não era do fim das punições, e sim do

[17] Por volta de 10 mil anos atrás, as transformações da natureza foram responsáveis pelo deslocamento das populações que habitavam o continente americano. A elevação dos níveis de temperatura e dos oceanos motivou os homens dessa época a deslocarem-se para as regiões litorâneas da América. A presença humana nessas localidades foi comprovada por meio de aglomerados de conchas e restos de peixes com alguns metros de altura. O nome desse tipo de formação calcária ficou conhecido como sambaqui, termo em tupi que significa "monte de conchas". A tese mais comum sobre a existência dos sambaquis explica que a sucessão de comunidades litorâneas foi responsável pela acumulação de conchas, ossos de peixes e outros restos de alimento próximos a vestígios de casas e ossadas humanas.

seu afastamento dos grandes centros urbanos, tendo como principal objetivo o saneamento da sociedade como aponta os trabalhos de Souza (2008):

> Monumento máximo de construção da exclusão social, cercado por muros altíssimos ou isolados em ilhas e lugares inóspitos, a visão da prisão é tida como última fronteira. É um território além do qual não se pode mais prosseguir. Essa condição limite produz o discurso da ressocialização do recluso. O pressuposto da ressocialização é instruído em uma retórica triangulada por mais duas idéias basilares: punição e correção através da privação da liberdade. (SOUZA *apud* XAVIER, 2008, p. 30)

Segundo essa lógica de punição, o rigor da reclusão solitária, o silêncio e o trabalho trariam a disciplinarização do indivíduo e seu amoldamento. Seguindo isso, além de um investimento na mudança comportamental aprisionados, seria uma forma de livrar a população dos bons homens dos perigos que era ter em sua cidade as circulações de um público associado ao cárcere. Assim o papel do Estado em ter que afastar esses indivíduos o suprindo de todas as formas necessárias para sua regeneração: o conforto psíquico e espiritual, a disciplina, a alimentação, a habitação, as vestimentas, o ensino e o tratamento dado ao corpo. Esses pressupostos levaram a instalação de penitenciárias em Ilhas em todo o Brasil, criavam-se territórios do cárcere, geralmente, em ilhas ou lugares afastados do convívio social, como por exemplo, as instituições carcerárias que existiram durante muitas décadas na Ilha Grande (XAVIER, 2008).

Como afirma Xavier (2008), as histórias dos presídios existentes na Ilha Grande apresentam muitas lacunas e controvérsias, principalmente em relação às informações sobre os presídios mais antigos como o antigo Lazareto[18] (Figura 2) – hospital construído em 1886 para quarentena de estrangeiros vindos da Europa com possíveis doenças contagiosas –, depois transformado em penitenciária, e o primeiro presídio construído na vila de Dois Rios. Há registros de presídios na ilha desde o início do século XX, porém a construção de um território do cárcere começa com a desativação da colônia militar em 1933 na Ilha de Fernando de Noronha, transferindo seus presos para a Ilha Grande: O Decreto-Lei n.º 319, de 7 de março de 1938, criou a Penitenciária Agrícola do Distrito Federal na vila de Abraão (antigo Lazareto) e o Decreto-Lei n.º 3.971, de 24 de dezembro de 1941, mudou a denominação da Penitenciária Agrícola para Colônia Penal Cândido Mendes. Em 1963, por

[18] "A construção foi autorizada em 6 de julho de 1884, e no mesmo ano iniciou-se a obra, apesar dos protestos da Câmara Municipal de Angra dos Reis. Considerado o patrimônio mais caro da União naquele período (989.569$718), o Lazareto modificou radicalmente o perfil da região. O governo imperial comprou três sítios na Ilha Grande: a Fazenda do Holandês, situada na enseada do Abraão, onde foram instaladas as principais edificações; a Fazenda de Dois Rios, comprada logo em seguida, que serviria para abastecimento de água e víveres, criação de gado e conservação das matas; e um terreno na Bica, adquirido mais tarde para construção de um pequeno hospital de isolamento. " (SANTOS, 2007)

ordem do governador Carlos Lacerda, a Colônia Penal Cândido Mendes foi desativada e destruída. De acordo com Santos (2007), tal atitude era justificada por várias denúncias de arbitrariedades e maus tratos, além das péssimas condições físicas da prisão. Nessa época, as masmorras da Colônia foram consideradas inabitáveis e as práticas de controle dos presos abusivas, associando-se à perspectiva de renovação no sistema penitenciário.

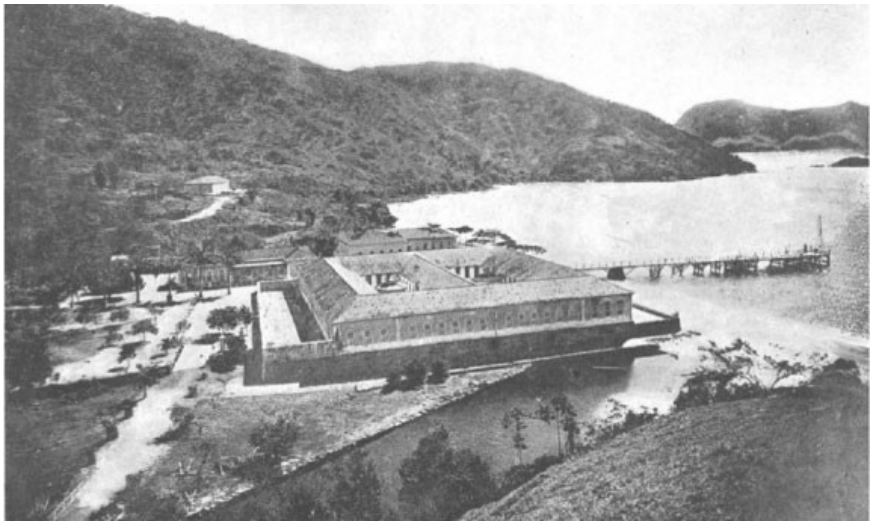


Figura 2. Lazareto, edificação na Praia Preta- Barbosa, 1909. Fonte: Santos, 2007.

Em 1942, foi criada na vila de Dois Rios a Colônia Agrícola no Distrito Federal, também situada na Ilha Grande. Com a transferência para o estado da Guanabara dos serviços locais da União, a Colônia Agrícola mudou seu nome para Colônia Agrícola do Estado da Guanabara (XAVIER, 2008). Essa penitenciária recebeu uma boa parte dos presos da Colônia Penal Cândido Mendes, transformando-se assim em Presídio Cândido Mendes, posteriormente denominado Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), desativado em 28 de março de 1994 (Figura 3).

> A existência da penitenciária já há muito tempo incomodava o governo estadual, principalmente, na administração do governador Leonel Brizola, já que todas as suas tentativas de acabar com a prisão nas suas duas administrações foram em vão. Os relatos amplamente publicados nos veículos de comunicação de arbitrariedades e abusos cometidos por policiais e agentes penitenciários aos presos fortaleceram os argumentos do governador da necessidade da desativação da prisão Desse modo, disposto a não investir mais em obras no local, e em posse, também, de um relatório da ONU condenando a manutenção de presídios em ilhas e com uma concorrência internacional aberta para a exploração do turismo na Ilha Grande, o governador decidiu por implodir o presídio (Jornal O Globo, 17/05/1992). (XAVIER, 2008)

Figura 3. Instituto Penal Cândido Mendes, 1975. Fonte: Arquivo Nacional- Memórias Reveladas.

O IPCM desempenhou papel central na dinâmica da comunidade de Dois Rios e da Ilha Grande. A importância do presídio era tamanha que tornava a área de Dois Rios a mais dinâmica e a principal vila da Ilha Grande, até mais do que Abraão que ainda é o seu o principal porto de entrada. Mesmo com todas as mais diversas belezas do lugar, a imprensa e a opinião pública no geral, incluindo-se os próprios detentos, referiam-se à Ilha Grande como o "Caldeirão do Diabo". O imaginário do cárcere, criado durante o período de quase um século na ilha, era baseado numa dinâmica de ocupação, que ocorreu em Dois Rios na época do presídio, que resultou em um ordenamento territorial com características singulares, e relações socioeconômicas próprias. O funcionamento do presídio fazia do governo do estado o principal agente definidor do seu uso e ocupação, não apenas de designações sobre o território, mas também das relações da comunidade da vila e da ilha.

Esse quadro veio a se alterar com a mudança da divulgação da Ilha Grande nos meios de comunicação, que começaram a apresentar a ilha como local um paradisíaco, isolado e com grandes belezas naturais. A desativação do presídio contribuiu para o aumento do fluxo de turistas e que hoje vem crescendo significativamente. Porém, é a grande divulgação na mídia possuidora de um papel fundamental na transição da imagem da ilha, mudando-se seu imaginário para um sentido considerado mais positivo e agradável, a ilha paradisíaca. São

nitidamente perceptíveis as mudanças dos teores das reportagens nos principais veículos de informação da época: Até a década de 80, a maioria das manchetes denunciam o presídio, ou relatam seus acontecimentos como a criação de uma facção criminosa, a liberdade dos detentos e até mesmo a indignação de moradores com certas posturas do sistema carcerário (Figura 4; Figura 5); entretanto, o conteúdo divulgado muda a partir do processo de desativação do presídio, no início da década de 90, trazendo matérias voltadas para os aspectos físicos e as belas paisagens do território insular (Figura 6). Essa nova proposta fez com que um grande fluxo de turistas aportasse na Ilha Grande, despertando o interesse de grupos econômicos, que a partir desse momento, apropriaram-se de várias praias com objetivo de investimentos a curto e médio prazo. Segundo Ramuz (1997, p. 123 *apud* XAVIER, 2008, p. 90) o turismo na Ilha Grande pode ser dividido em três momentos distintos: o primeiro período que vai de 1974 a 1984, chamado fase de implementação, o segundo período de 1984 até 1994, fase de dinamização e, após 1994, fase de afirmação.

> A ideia de implodir o presídio era bem antiga. O presídio sempre representou um impasse à administração do governador, que inúmeras vezes tentou destruí-lo mas sempre esbarrava em conflitos com os moradores, com a falta de espaço nas demais penitenciárias para onde os presos seriam enviados, dentre outros. A fim de resolver a questão, a estratégia lançada foi iniciar um processo de sucateamento com diminuições de verbas e descaso com os problemas da prisão. Diversos diretores que eram nomeados elaboravam relatórios sobre o crescimento de facções organizadas dentro do presídio, mas eram ignorados. Os conflitos cresciam e cada vez mais a organização interna dos presos dificultava a administração da cadeia. [...] Por trás dessa ação, o governo desejava criar um pólo turístico na área aproveitando os atributos naturais da Ilha Grande, além do temor que com a presença do presídio nenhuma empresa de turismo investisse na área. (XAVIER, 2008, p. 90)

'Chefão' da 'Falange Vermelha' retorna à Ilha Grande

Os caminhos que os fugitivos seguem

'Como é fácil a fuga' (segundo 'Jim Macaco')

Caçador de fugitivos não ensina o 'pulo do gato'

Prossegue a caçada aos presidiários que fugiram

Todos sabiam do túnel, mas só 17 se arriscaram

Desipe pretende mudar diretores de presídios

D. Eugênio pede justiça social e humanização

Figura 4. Reportagem relatando relações da facção falange vermelha no presídio. - O Globo, de 07 de Julho de 1983, Matutina, Rio, página 15. Fonte: Acervo O Globo.

Presídio é o terror dos moradores da Ilha Grande

Desipe reconhece o poder paralelo

'Baguilhão' chefia a Falange Vermelha e controla a Ilha

Três dias e três noites em pânico

Na parede, frases para a posteridade

Figura 5. Reportagem relatando a insatisfação dos moradores com condutas do sistema carcerário. - O Globo, de 19 de Janeiro de 1987, Matutina, Rio, página 9. Fonte: Acervo O Globo

Penitenciária na mira do progresso

Projeto prevê a desativação do presídio da Ilha Grande e a criação, através da iniciativa privada, de um complexo turístico-científico

Três áreas de preservação

No cárcere, hóspedes ilustres

Em Angra, a vida tem mais cor

Angra é sol, mar, Ilha e montanhas

Angra é história, com suas construções

Mas Angra! Angra é dois Reis e da gente!

GÊNESIS

Tel.: (0243) 65-3606/65-1706/65-2177

Figura 6. Reportagem tratando o fim do IPCM e os investimentos já voltados para o seu novo uso: o turismo. - O Globo, de 17 de Maio de 1992, Matutina, Jornais de Bairro, página 14. Fonte: Acervo O Globo.

Com base nessas reportagens, é nítida a intensão de se criar uma nova realidade para Ilha Grande. O seu histórico do cárcere já estava fatigado, e gerando poucos rendimentos tanto econômicos quanto sociais para o território insular. Entretanto, suas belas paisagens, que eram pouco exploradas, tornam-se os elementos mais visados e cotados para serem a sua grande salvação, ou futuro progresso. Assim, o uso de imagens pré-determinadas de suas diversas características físicas, com base no interesse turístico – envolvendo empresas privadas, e o próprio Estado – começam a se impor como a mais nova atração e elemento de destaque da ilha, criando um espaço que visa se sobrepuser aos anteriores, concretizando o seu discurso e sua ideologia de uma Ilha Grande paradisíaca e pronta para o desfrute do homem.

> Para a prefeitura o presídio era um prédio histórico de luta contra a ditadura; para os moradores era a segurança, a ordem (continha a especulação imobiliária e a invasão de terras). Já para o governo estadual representava um grande estorvo contra as pretensões de tornar o local um grande pólo turístico. A implosão do presídio pôs fim à função carcerária da vila, depois de muitas décadas com a existência de presídios na Ilha Grande novas funções ganharam impulso, a proteção da natureza e o turismo, antes dificultados pela existência da penitenciária. (XAVIER, 2008, p. 103)

3.2 O Encantamento da Insularidade

De acordo com Tuan (2012), o meio ambiente natural é capaz de produzir uma sensação de abrigo, desde que seja penetrável como a floresta tropical; isolado e luxuoso como as ilhas tropicais; e com diversos recursos, ou ao longo de um litoral protegido. A Ilha

Grande é possuidora de todos os atrativos necessários para atender as demandas do homem em termos de satisfação e bem-estar. Ela é o mais próximo de uma concretização do espaço mítico que oferece as realizações do imaginário do homem, como lazer, descanso e paz[19].

O imaginário que se desdobra desde a década de 1970, e ganha ainda mais força nos anos 1990, vem articulado com o suposto fim de um fantasma: o cárcere. A destruição física da instituição carcerária, Colônia Penal Cândido Mendes, em Dois Rios marca o início de projetos e atividades que geram o novo e mais atual uso da Ilha. O turismo, já existente desde a época colonial, torna potencializado pelas ideias que buscavam apagar o passado sombrio de doenças, práticas de usos não sustentáveis e condenados, adotando o discurso das práticas com a natureza e da preocupação com o paraíso. O Jornal *O Globo* de 1976 já trazia como título "O paraíso sem infra-estrutura" (Figura 7) referindo-se aos potenciais naturais e turísticos da ilha, que não tinham atenção por conta de usos que desfocam desse interesse.

ILHA GRANDE

PLANTÃO GLOBO

Um paraíso sem infra-estrutura

Prefeito de Angra quer a ampliação do parque

Cabo submarino levará energia para toda a ilha

Nas praias fechadas, uma irregularidade consumada

Apenas um ginásio, que não fornece certificado

No posto médico às vezes falta até algodão

Lanchas, o transporte difícil e decadente

Campanha promoverá embelezamento urbano de Teresópolis

Figura 7. Reportagem *"Um paraíso sem infra-estrutura"*- O Globo, de 23 de Abril de 1976, Matutina, Rio, página 8. Fonte: Acervo O Globo.

Com isso, se pretende, a partir da desativação do maior empecilho de avanço do turismo; o presídio, tornar a Ilha o paraíso. Segundo Tuan (2012):

> A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. [...] A sua importância reside no reino da imaginação. [...] Além de tudo, ela simboliza um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do continente pelo mar.

[19] "O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dado pela experiência direta. Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade." (TUAN, 2013, p. 110).

> [...] É na imaginação do mundo ocidental que a ilha adquiriu maior força. (TUAN, 2012, p. 168)

Logo, a ilha deveria se despir do seu passado para satisfazer os desejos humanos. Não caberia os infortúnios da prisão estarem presentes ao novo ambiente que ela almejaria apresentar. A Ilha, desejo do homem de tranquilidade e fuga da realidade, não poderia abrigar de forma tão viva o passado dos renegados. O labor que se tinha da Colônia Penal não caberia com uma ilha idealizada, onde o "clima era excelente, seu ar profundamente perfumado. [...] ilhas paradisíacas onde tudo era alegria e abundancia. [...] onde não medram tempestades, onde o perfume das flores do paraíso constitui o alimento das pessoas." (TUAN, 2012, p. 169).

O turismo começa a se desenvolver no território insular, junto com o desenvolvimento da região da Costa Verde; a partir da construção da estrada Rio-Santos[20], em 1974, e sua pavimentação (1980). Um turismo ainda tímido e bem restrito pelo uso principal da ilha na época: território de exclusão da sociedade de presos. Porém, já nessa época, via-se em jornais propagandas voltadas para seus aspectos naturais e o que a Ilha Grande poderia oferecer, além da penitenciária (Figuras 8 e 9). A desativação do presídio, em 1994, dá ainda mais impulso a essa atividade econômica, tornando a ilha gradualmente um destino turístico muito procurado. Paralelamente a essa expansão da atividade turística, o reconhecimento da problemática ambiental, vem, em números redondos, do fim dos anos 60, começo dos anos 70, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, 1972. Juntando esse imaginário de um turismo voltado para os prazeres do homem em contato com a natureza, com os discursos favoráveis a proteção ambiental, economia da ilha viu a grande chance de se refazer e buscar lucros em cima de suas características físico-paisagísticas (Figura 10).

A partir de então, em quase todas as localidades da Ilha Grande, principalmente nas enseadas voltadas para o continente, como Vila do Abraão, começa a crescer continuamente o número de pousadas, restaurantes e lojas empregando a grande maioria dos trabalhadores locais, além de atrair um fluxo de moradores vindo do continente. De acordo com o Inventário Turístico de Angra dos Reis (TURISANGRA, 2013), existem na Ilha quatrocentos e sessenta empreendimentos turísticos entre meios de hospedagem e de alimentação, sendo 95 pousadas apenas na Vila do Abraão, disponibilizando oitocentos e noventa quartos ao todo.

[20] SP-055 e somente após atravessar a área central de Ubatuba passa a ser denominada BR-101.

Turismo

O GLOBO

ILHA GRANDE

O paraíso ao alcance das mãos

Serviço para a Ilha Grande

Desde a porta de sua casa

Claras Turismo

até a porta de sua casa

Claras Turismo

ESPLENDOR EUROPEU

Você faz as malas... Claras faz o resto.

Figura 8. Reportagem *"Ilha Grande: O paraíso ao alcance das mãos"*- O Globo, 15 de Agosto de 1974, Matutina, Turismo, página 1. Fonte: Acervo O Globo.

UM DOS MAIS BONITOS REFÚGIOS DA NATUREZA

A ilha-presídio também sonha ser um paraíso

Os caminhos que levam à Ilha Grande

ENTRE NO ÚNICO CONSÓRCIO QUE ENTREGA 10 FUSCAS POR DIA:

CONSÓRCIO IMEDIATO DA UNIÃO DOS REVENDEDORES

DR. RICA

Festival de Arte nordestina

Figura 9. Reportagem *"A ilha-presídio também sonha ser um paraíso"*- O Globo, 05 de Julho de 1971, Vespertina, Geral, página 5. Fonte: Acervo O Globo.

Helicóptero que caiu com empresário é resgatado

Corpo do dono do Hotel Gibria não é localizado e aparelho vai ficar submerso até ser periciado para evitar oxidação

Ilha Grande é o mais novo Eldorado do turismo

Vila da Abraão ganha dezenas de pousadas, restaurantes e lojas desde a implosão do presídio em 94

Figura 10. Reportagem *"Ilha Grande é o mais novo Eldorado do turismo"*- O Globo, 12 de Abril de 1998, Matutina, Rio, página 31. Fonte: Acervo O Globo.

Entretanto, não é apenas de interesses externos e na ótica do capital que se instituiu o novo discurso de ilha paradisíaca. O turismo em uma utilidade social beneficia a economia, porém não une o homem à natureza. A apreciação da paisagem e as conexões entre o homem e a natureza são ações pessoais e duradoras, que na maioria das vezes, estão conectadas a lembranças particulares, que se perduram, quando combinadas ao prazer estético com a curiosidade cientifica.

> O despertar profundo para a beleza ambiental normalmente acontece como uma revelação repentina. Esse despertar não depende muito de opiniões alheias e também, em grande parte, independe do caráter do meio ambiente. A cena simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam desapercebidos e este novo insight na realidade é, às vezes, experienciado como beleza. (TUAN, 2012, p. 139)

Retomando ao termo *Topofilia* (TUAN, 2012) como sendo o elo afeitvo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, associa-se sentimento com lugar. Assim, examinar o papel do meio ambiente como produtor de imagens para a *Topofilia* é considera-la mais do que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. Porém, o fato de as imagens serem extraídas do meio ambiente, não significa que esse as tenha determinado, nem deve-se acreditar que certos lugares possuam o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. É necessário sempre levar em conto a via de mão dupla que é o experenciar o lugar, e o que

este faz para despertar o sentimento (com influencia de agentes externos que o determinam como aquele que transmite certos valores e ideias). Somando a isso, entende-se que o meio ambiente pode não ser a causa direta da *Topofilia*, mas oferece o estimulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do proposito e das forças culturais que atuam em determinada época.

Essa discussão contribui para que diferentes histórias sejam narradas sobre a Ilha Grande, despertando os mais variados sentimentos, nas quais se confrontam visões orgânicas, que seriam as nativas e ligadas às práticas tradicionais; visões capitalistas, que, no caso da ilha, são representadas principalmente pelos interesses turísticos e imobiliários; e as visões da tecno-natureza, ou seja, aquelas trazidas por pesquisadores, ambientalistas, legisladores e administradores. São várias paisagens, várias naturezas em situação de tensão, estimuladas pela produção do turismo, do consumo do ambiente, da história e da cultura, inserindo-se em uma rede de conflitos que foi constituindo-se aos poucos na localidade. Seguindo esse pensamento, afirma-se que o mercado global do turismo se alimenta-se das diferenças culturais, estimulando a geração e a circulação desses recursos "O produto cultural contemporâneo, ao mesmo tempo em que é global, produz enraizamentos no local, criando 'sentidos globais de lugar' que interagem com identidades, memórias e tradições." (ARANTES, 2004, p. 3). É baseado nisso, que se elaboram os atrativos, produtos e roteiros, como também nos projetos de planejamento de destinos.

> Por um lado, fala-se em formas alternativas, baseadas na noção de sustentabilidade e no paradigma do desenvolvimento com base local ou comunitária, na valorização das culturas locais, tradicionais e rurais. Não obstante, a atual fase do turismo, como forte atividade econômica do mundo capitalista contemporâneo, aponta para uma especialização flexível. A atividade segmenta-se para atender a nichos de mercado e aos diversos grupos de interesse, e cria produtos calcados nas diversidades culturais, geográficas, sociais, étnicas, históricas, ecológicas, entre tantas outras. A partir da criação de produtos turísticos segmentados, como ecoturismo, turismo cultural, turismo de base comunitária, entre outros, diferentes grupos sociais, com diferentes realidades históricas, étnicas e sociais são inseridos numa dinâmica socioeconômica, mas também política, reafirmando e reelaborando identidades, reconstruindo memórias e "inventando tradições" (HOBSBAWM, 1997, *apud* FERREIRA, 2014, p. 87)

3.3 As Demandas de Conservação da Natureza

> A proteção e o melhoramento do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afeta o bem-estar dos povos e o desenvolvimento econômico do mundo inteiro, um desejo urgente dos povos de todo o mundo e um dever de todos os governos. (Declaração da Conferência de ONU no Ambiente Humano, 1972, p. 1)

Desde o início da década de 1970, a Ilha Grande vem sofrendo dois processos concomitantes e interligados que transformaram a vida de seus habitantes, e interferem nas práticas do lugar: a regulamentação de áreas ambientais e protegidas; e o desenvolvimento do turismo. Esses processos conviveram, até 1994, com a existência do Instituto Penal Cândido, o qual acarretava uma limitação no acesso de pessoas à ilha, e, também, era mais um uso que trazia contradições para o território. Após sua extinção, o turismo vem assumindo o papel de principal atividade econômica da ilha e crescendo de modo ininterrupto, desenvolvendo-se por quase todas as suas localidades, induzindo uma migração contínua de pessoas em busca de trabalho e investimentos, passando a absorver também a quase totalidade dos recursos humanos lá existentes.

Os discursos ambientais e a preocupação com a conscientização sustentável internacional geram uma gama de atividades no mundo inteiro voltadas para a proteção de territórios com valores, tanto para o homem quanto para a conservação do meio ambiente. Acompanhando a tendência nacional de criação de áreas protegidas, a década de 1970 marca o início das políticas e ações de proteção ambiental na Ilha Grande, essa prática se expressa inicialmente na implantação da primeira Unidade de Conservação: Parque Estadual da Ilha Grande, em 1971. O território desse parque foi modificado diversas vezes, por sucessivos decretos e, em fevereiro 2007, passou a abranger cerca de 90% da Ilha, deixando de fora apenas a área da Reserva Biológica da Praia do Sul (criada em 1981), e os pequenos núcleos populacionais existentes ao redor. Também na década de 80, no ano 1982, há a implementação de mais uma Unidade de Conservação: a Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA Tamoios) – que abrange todo o seu território e engloba as outras ilhas da Baía da Ilha Grande a fim de assegurar a proteção do ambiente natural, das paisagens de grande beleza cênica e dos sistemas geo-hidrológicos da região, que abrigam espécies biológicas raras e ameaçadas de extinção, bem como comunidades caiçaras integradas naqueles

ecossistemas[21]. Tendo por objetivo proteger os ecossistemas marinhos adjacentes, a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, em 1990 é criado o Parque Estadual Marinho do Aventureiro. Entretanto, em maio de 2014, há a implementação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Aventureiro, pela lei 6793/14 em uma área que pertencia à Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, que teve uma redução de 2,7% da área original, e também, extinguiu o Parque Marinho do Aventureiro. A RDS é uma conquista do povo caiçara, que depois de anos de conflitos entre seus costumes tradicionais e a preservação e restrição de uso das UCs, se vê possível de proteger o patrimônio natural e cultural da área, favorecendo a conservação da biodiversidade e fortalecendo a garantida de permanência definitiva e exclusiva da população nativa do Aventureiro no local. A criação dessas diversas unidades de conservação na região, embora estaduais, fazem parte de uma das estratégias de conservação da natureza em âmbito nacional – o mosaico de unidades de conservação –, buscando a integração e a ordenação do território.

Mesmo com todas essas UCs, e o anseio de ordenação do território pautada na conservação ambiental, após a extinção do Instituto Penal Cândido Mendes, os órgãos ambientais não puderam impedir a grande expansão da atividade turística em toda a ilha. Eles têm conseguido manter, sob algum controle, a expansão construtiva, principalmente nas áreas mais altas e/ou costeiras, mas não é uma tarefa fácil, na medida em que a pressão é crescente e, muitas vezes, envolta em poderosas forças econômicas. Na verdade, a prática de controle maior que esses órgãos exercem é mais efetivo sobre a população mais pobre, detentora de um capital econômico e social menor, totalmente ainda passivas à prática do turismo. Observa-se a partir da (r)evolução dessa atividade econômica, uma maior complexidade de relações, tanto entre pessoas e os componentes naturais - que são construídos no espaço geográfico - quanto entre os grupos sociais, exigindo maior exploração dos recursos disponíveis. Na busca dos recursos, com o propósito de satisfazer suas necessidades, o homem defronta-se com as contradições resultantes de todas essas formas de interação. Recursos com componentes espaciais favoráveis, ora como eventos prejudiciais - a natureza exuberante da Ilha como chamariz; e ao mesmo tempo, as restrições que as UCs trazem, mesmo que de forma superficial. Nesse sentido, é no confronto com o outro, seja ele representante do Estado, ambientalista, pesquisador ou turista, e a partir de novos olhares sobre o lugar, que se reafirma a importância de resguardar costumes, de elaborar uma

[21] INEA- DECRETO ESTADUAL No 9.452 – DE 05 DE DEZEMBRO DE 1982

memória coletiva e de manter uma coesão interna no grupo de forma a construir relações de poder menos desiguais e de se adaptar aos novos tempos e às novas demandas.

Segundo Mormont (1996, apud FERREIRA, 2014, p. 82), as questões ambientais produzem uma espécie de requalificação do território por suas funções ecológicas, e também uma requalificação do local como lugar de intervenção ou gestão do meio ambiente. O espaço qualificado ecologicamente instala um enfrentamento entre os usos locais que podem estar ligados à tradição da cultura ou mesmo a interesses econômicos e a interesses exógenos, universais ou globais, negando-se usos e costumes, principalmente, da população local. Entretanto, esse processo se dá ao mesmo tempo em que tais práticas são revalorizadas e passam a ser importantes, tanto na afirmação de direitos dessas populações quanto pela curiosidade que despertam por serem representativas de diversidade cultural, e assim, significativas para o turismo. Como defende Canclini (2006, apud FERREIRA, 2014, p. 82), é fato que as diferenças culturais tornam-se relevantes no mundo contemporâneo, informatizado e globalizado posto que a viagem se transforma em um dos principais itens de consumo, as práticas culturais das populações das cidades globalizadas tornam-se semelhantes e os modos de vida dos mais diversos povos misturam-se rapidamente, hibridizando-se. Embora o interesse turístico pelas unidades de conservação se volte principalmente para os elementos "naturais", e justamente para um local paradisíaco, visto sem culturas e inabitado, é necessário a organização de memórias coletivas, principalmente feita pelos locais, para se relacionar às práticas e saberes dessas populações a um novo tipo de atrativo, o qual se agrega aos já conhecidos e destacados, e o crescente interesse pelas culturas locais possibilita o surgimento de produtos turísticos diferenciados. Como aponta Ferreira (2013):

> Nesse sentido, colocam-se em foco questões de poder. O poder de decretar o que deve ser preservado e de decidir como isso deve ser feito. Os mecanismos de preservação selecionam os bens de acordo com sua importância perante valores hegemônicos, e valem-se da ideia de que é possível "congelá-los", bloquear sua dinâmica. No campo das políticas de conservação da natureza e, sobretudo, em visões que circulam no âmbito da administração de unidades de conservação no estado do Rio de Janeiro, a lógica preservacionista, no sentido de impedimento aos usos, ainda é hegemônica. Neste contexto, privilegiam-se as unidades de Proteção Integral (SNUC, 2000), em que os bens patrimoniais são a fauna, a flora e os ecossistemas. Embora existam no estado diversas Áreas de Proteção Ambiental – APAs –, uma Reserva Extrativista Marinha – RESEX – e um projeto de Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS – que são unidades do grupo Uso Sustentável (SNUC, 2000), essas categorias não são muito valorizadas nesse contexto e a luta patrimonialista de saberes das populações locais tem muita dificuldade de aceitação perante o Estado. (FERREIRA, 2013, p. 72)

Já sob o ponto de vista da proteção da natureza, as áreas que abrigam ecossistemas importantes, ou seja, com endemismos ou ameaça de extinção de espécies, seriam priori-

tariamente de interesse público e, portanto, passíveis de se transformarem em unidades de conservação. Embora o patrimônio privado tenha que ser desapropriado e indenizado para que surja o patrimônio público, na prática, a desapropriação o de fato torna-se imediata, para a fiscalização e impedimento de usos, enquanto a indenização depende de lógicas e possibilidades internas do Estado. Fica perceptível que nesse processo de transfiguração e na caracterização das três ilhas, vê-se presente os patrimônios nos seus mais diversos âmbitos: o patrimônio quanto instituições, edificações, lugares, agentes do meio biótico e abiótico, preservações de memória, dentre outros. A ilha ainda é uma composição de patrimônios, onde suas potencialidades e interesses externos regem o que deve ou não ser destacado, além da própria resistência de seus fantasmas. É nesse contexto que entram as contradições dos atores sociais, econômicos e políticos que hoje estão presente no território. De acordo com Oliveira (2012):

> Quando se trata de percepção ambiental, trata-se, no fundo, de visão de mundo, de visão de meio ambiente físico, natural e humanizado, na maioria é sociocultural e parcialmente é individual; é experiência em grupo ou particularizada; é uma atitude, uma posição, um valor, uma avaliação que se faz do nosso ambiente. (OLIVEIRA, 2012, p. 61)

4. ABRAÃO: O FANTASMA DA ENFERMIDADE E A PASSIVIDADE TURÍSTICA

> O turismo é um dos responsáveis pela construção do espaço geográfico da ilha, e é assim que Abraão terá que oferecer serviços de infra-estrutura para atender a tal demanda. (RAMUZ, 1997)

Segundo os critérios adotados por Oliveira (2003), a Ilha Grande pode ser regionalizada a partir da morfologia das praias que dividem, de acordo com sua localização e característica, em três setores. A primeira correspondente à parte continental, na qual está localizada a enseada de Abraão, que é representada pelas praias voltadas para o continente. Apresenta como característica o fácil acesso, tamanhos que variam de pequenos a médios, estreita faixa de areia, águas calmas, vegetação densa, já em processo de regeneração avançado, e sinais de antropização marcantes e recentes. São elas: Freguesia de Santana, Japariz, Guaxuma, do Funil, Saco do Céu, de Fora, Camiranga, da Fazenda, Iguaçu, da Feiticeira, Preta, Abraão, do Abraãozinho, da Júlia, do Cais, Comprida, do Morcego, das Palmas, dos Mangues, Itaoca, da Aroeira, do Recife, do Castelhano. Nessas praias, ocorreram o processo inicial de uso e ocupação da ilha atual com a construção de pequenas residências pelos europeus que lá desembarcaram.

Como aponta os estudos de Araujo et al (2005), a Ilha Grande possui relação intrínseca com a história do Brasil e seus ciclos econômicos, tendo Abraão como uma de suas principais vilas, desde quando Gonçalo Neto, em 1502, aportou no território insular. Em 1559, há a primeira ocupação lusitana no território insular com Dom Vicente da Fonseca sendo designado pelo Reino de Portugal para tomar posse e administrá-la. Dentre as principais áreas ocupadas, estava a atualmente conhecida como Vila do Abraão, onde moravam indígenas, alguns portugueses – principalmente nas praias da Júlia e da Bica – e se encontrava a Fazenda do Holandês, ocupada durante o período da Confederação dos Tamoios, sendo considerada uma das maiores instalações de Abraão. No período de 1725 a 1764, com o avanço da cultura da cana-de-açúcar, começa a acontecer uma colonização mais intensa da Ilha Grande, num ciclo que se estenderá até a primeira metade do século XIX. Em 1803, o povoado obtém sua primeira identidade jurídica: Freguesia de Santana da Ilha Grande de Fora, tendo como principal porto o atualmente localizado na praia de Abraão. Ilha Grande tornou-se um famoso entreposto do tráfico ilegal de escravos até a abolição da escravatura em 1888. Somente depois de proclamada a República, em 1891, foi criado os dois primeiros

distritos: Abraão e Sítio Forte, hoje Araçatiba. O café, introduzido um pouco mais tarde, perdurou entre 1772 e 1890, chegando, inclusive, a ser exportado para a Europa. Com o término da escravidão, na segunda metade do século XIX, a cultura do café tornou-se inviável e foi abandonada. A Ilha Grande entrou em um período de decadência, tendo no mesmo período ocorrido o fim da "Invencível Armada" Lusitana.

O Abraão foi visitado por D. Pedro II no século XIX, que adquiriu a Fazenda do Holandês e a Fazenda Dois Rios. Na primeira, foi erguido um Lazareto, na Praia Preta, destinado a atender os viajantes doentes que desembarcavam no Brasil (ARAUJO et al, 2005). Para o abastecimento de água do Lazareto foi construído um aqueduto para captação do Córrego do Abraão, na mesma praia. No início do século XX, o Lazareto foi extinto e transformado em presídio político, sendo em 1962 implodida. Hoje em dia, as ruínas do Lazareto e do aqueduto configuram potenciais patrimônios para a enseada. O século XX para Abraão foi de grande expansão territorial e crescimento populacional, principalmente depois da década de 70 com a construção da Rodovia Rio – Santos, e intensificação do turismo na enseada (Figuras 11 e 12).

> A Colônia Penal foi destruída por implosão, com todos os seus prédios históricos, em 1962, por ordem do então governador Carlos Lacerda. Junto com as masmorras da penitenciária, cujas ruínas podem ser observadas até os dias de hoje, foram destruídos os principais marcos da antiga fazenda do Holandês, do Lazareto e da política de quarentena. A lembrança deles, entretanto, ainda está presente entre moradores da região. Segundo alguns destes, o Lazareto funcionou até 1935. Lembram-se de ter trabalhado lá quando eram crianças. Fazem parte da história da Ilha Grande as embarcações que chegavam a Abraão e Praia Preta, os muros altos, as locomotivas a carvão que circulavam entre o cais e o interior dos armazéns, a lavanderia, a farmácia, as enfermarias e também as estufas utilizadas para desinfetar roupas e materiais contaminados. (SANTOS, 2007)

Figura 11. Enseada de Abraão em 1940. Fonte: Acervo de José Carlos Maurício, disponibilizada em: http://coloniadoisrios-ilhagrande.blogspot.com.br/2010/10/s-sebastiao-revisao.html.

Figura 12. Vila do Abraão em 2017. Fonte: Autora, 2017.

Em 1982, foi criada a APA Tamoios sob a responsabilidade da extinta Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA)[22], mas só em 1994 foi estabelecido seu plano diretor, o qual ainda não foi revisado. O objetivo da UC é assegurar a proteção do ambiente natural, das paisagens de grande beleza cênica e dos sistemas geo-hidrológicos da região. A APA é composta de duas partes: a parte Continental que abrange todos os terrenos de marinha, e seus acrescidos de conformidade com Decreto-Lei Federal nº 9.760, de 1946; e uma parte insular que abrange todas as terras emersas da Ilha Grande e de todas demais ilhas que integram o Município de Angra dos Reis, nas baías da Ilha Grande, da Ribeira e da Jacuecanga num total de 91 ilhas, abrangendo uma área de aproximadamente 214 km² (DECRETO n. 9.452, 1987). Como aponta Xavier (2008), de acordo com bibliografia especializada, são muitos os impactos e as incongruências relativos às questões ambientais na área, principalmente a gestão da UC, na qual se destacam conflitos ligados à legislação ambiental e ao uso e ocupação do solo na APA, principalmente na Vila do Abraão, relacionando esses problemas à falta de gestão e incoerência das leis ambientais.

Atualmente, Abraão possui a maior comunidade de toda a ilha, situando-se a cerca de 20 km das principais cidades de acesso no continente (Angra dos Reis e Mangaratiba). É a principal via de entrada da Ilha Grande, configurando-se como o principal eixo econômico e grande concentrador de meios de hospedagem para turistas. Nela, há maior concentração de

[22] Atual Instituto Estadual do Ambiente (INEA).

equipamentos voltados para a infraestrutura turística e embarques e desembarques de pessoas[23], sendo um importante ponto de saída para quase todos os passeios oferecidos pela atividade turística, assumindo, dessa forma, o papel de capital econômica da ilha (Figuras 13 e 14). As empresas, instituições e demais organizações vivem do turismo ou para o turismo na Ilha, logo que se sai do cais é perceptível o quanto a enseada é voltada para essa atividade econômica, podendo encontrar diversas agências oferecendo pacotes de passeios, e também comércio voltado para esse segmento (Figura 15). Observa-se a existência de um conjunto de restaurantes e empresas dedicadas à venda de souvenires, gêneros alimentícios e outros produtos, porém percebe-se que as empresas mais significativas, do ponto de vista de estruturação do turismo, estão envolvidas nas tarefas de alojamento, agenciamento e transporte turístico (SAMPAIO, 2005). De acordo com a Convention & Visitors Bureau de Ilha Grande, pode-se afirmar que sem turistas não há comércio, nem capital circulante, nem empregos na Ilha, e que atualmente, ela vive exclusivamente para o turismo.

Na Vila do Abraão, encontra-se apenas uma escola, localizada na Praça Cândido Mendes – Escola Pública Municipal Brigadeiro Nobrega – com a oferta do ensino nos níveis fundamental e médio. Em relação a sua estrutura comercial, encontram-se: mercados, com preços superiores aos do continente, devido ao custo da travessia marítima e por seu potencial turístico; uma banca de jornal; quatro padarias; e pequenas vendas construídas nas próprias casas de moradores. Encontram-se ausentes agências bancárias, bem como caixas eletrônicas bancárias 24h. Quanto aos serviços públicos ofertados na Vila, tem-se: sistema de esgoto, coleta de lixo, abastecimento de água, energia elétrica – mesmo que esses com sérios problemas de funcionamento e atendimento à comunidade – farmácia, posto de saúde, polícia militar, posto de bombeiros, sede do INEA e posto de correio. Em relação aos impactos ambientais, destacam-se: desmatamentos decorrentes às áreas próximas à costa, que decorre da ampliação de construções de forma ilegal; e a poluição do córrego e da praia de Abraão, principalmente por conta do despejo irregular de lixo.

O paradigma da população da Vila do Abraão na Ilha Grande atualmente é dado pela exploração turística dos recursos naturais disponíveis no local, tendo essa como a sua principal fonte de renda, entrando em choque com os princípios de conservação da Ilha, as atividades econômicas são voltadas para atender as demandas dos turistas. O uso dos ambientes naturais realizados é destituído de um processo de sensibilização ambiental e apresenta desequilíbrio. O meio ambiente se configura como provedor de recursos, tais como

[23] É o único local na Ilha onde há transporte regular, diariamente a Companhia Barcas S/A realiza o trajeto Mangaratiba- Abraão e Angra- Abraão. Também destaca-se, atualmente, os translados feitos por transatlânticos.

água e alimento, quem dita o que deve ser feito, e como, é o turismo. Abraão parece conviver de forma ativa com suas ruínas da enfermidade e da colônia, cada vez mais degradas e escondidas pela vegetação, mas se demonstra passiva (talvez por conveniência) em relação à atividade turística.

Figura 13. Transatlântico da MSC, realizando passeio na Ilha Grande. Fonte: Autora, 2017.

Figura 14. Venda de passeios de barco em Abraão. Fonte: Autora, 2017.

Figura 15. Comércio em frente ao Cais de Abraão. Fonte: Autora, 2017.

4.1 A Porta de Entrada da Ilha Grande

De acordo com Tuan (2012), o prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade, podendo ser um pouco mais do que aceitação de uma convenção social. Muitos dos atuais circuitos turísticos parecem estar motivados pelo desejo de colecionar o máximo possível de etiquetas sobre parques nacionais, fazendo com que assim, tais contatos com a natureza, tornem-se cada vez mais superficiais, e certamente pouco autênticos. O Circuito Abraão desperta interesse e desejo de um contato maior com a natureza. A sua facilidade de acesso e titulação de pertencimento a um parque estadual, nível médio de conservação, são pontos potencializadores de seu uso e exploração. Entretanto, esse teu título não lhe garante, atualmente, a devida utilização de seu espaço.

Na inventariação dessa enseada (Anexo 2) de acordo com critérios de visibilidade apresentados por Gomes (2013), é possível identificar 7 pontos potenciais para as práticas turísticas e que se enquadram em patrimônios como paisagens naturais: Centro de Abraão; Praia de Abraão; e os Pontos do Circuito: Praia Preta; Ruínas do Lazareto; Aqueduto e Poção. Para melhor trabalha-los consegue dividi-los em 3 categorias de análises: Ponto de Vista, Composição e Exposição.

Na categoria Ponto de Vista encaixam-se os pontos: Centro de Abraão, Praia Preta, e Ruínas do Lazareto (Figura 16). No sentido metafórico seria uma opinião, na qual a forma que se escolhe olhar, a partir de atributos e visões pré-determinadas (como as propagadas pelo turismo), adequamos o físico dentro de uma colocação de ângulos e direções. O Centro de Abraão é a primeira paisagem quando se chega na Ilha, construída justamente para recepcionar e dar auxílio ao turista e visitante. É para ele que se dirigem todos os tipos de

buscas relacionadas a apoio, informações e infraestrutura da Ilha. Há também o sentido concreto de Ponto de Vista, que é o de servir como ponto para se apreciar. No Centro de Abraão, também se vê nessa potencialidade, dando visão panorâmica para a Praia de Abraão. Assim também, como o caso do Lazareto e Praia Preta, naturais dispositivos espaciais que favorecem uma contemplação da paisagem.

Na categoria Composição, encontram-se os pontos: Praia Preta (Figura 17), Poção e Aqueduto. São potencialidades que têm no seu conjunto de elementos formadores da paisagem o grande destaque para a atividade turística, são estruturas, que dentro de um jogo de posições, formam algo novo. Como o próprio nome já remete, a Praia Preta possui areia de cor escura pela sua composição de minerais como biotita, magnetita e ilemita. Já o Poção possui destaque pela composição harmônica entre encaixamento dos seus blocos rochosos, movimentos de massa e contatos litológicos, o transformando em uma piscina natural de água doce. Por último, o Aqueduto, que mesmo não natural possui uma grandiosidade de construção feita no século XIX, formada por rochas esculpidas e óleo de baleia.

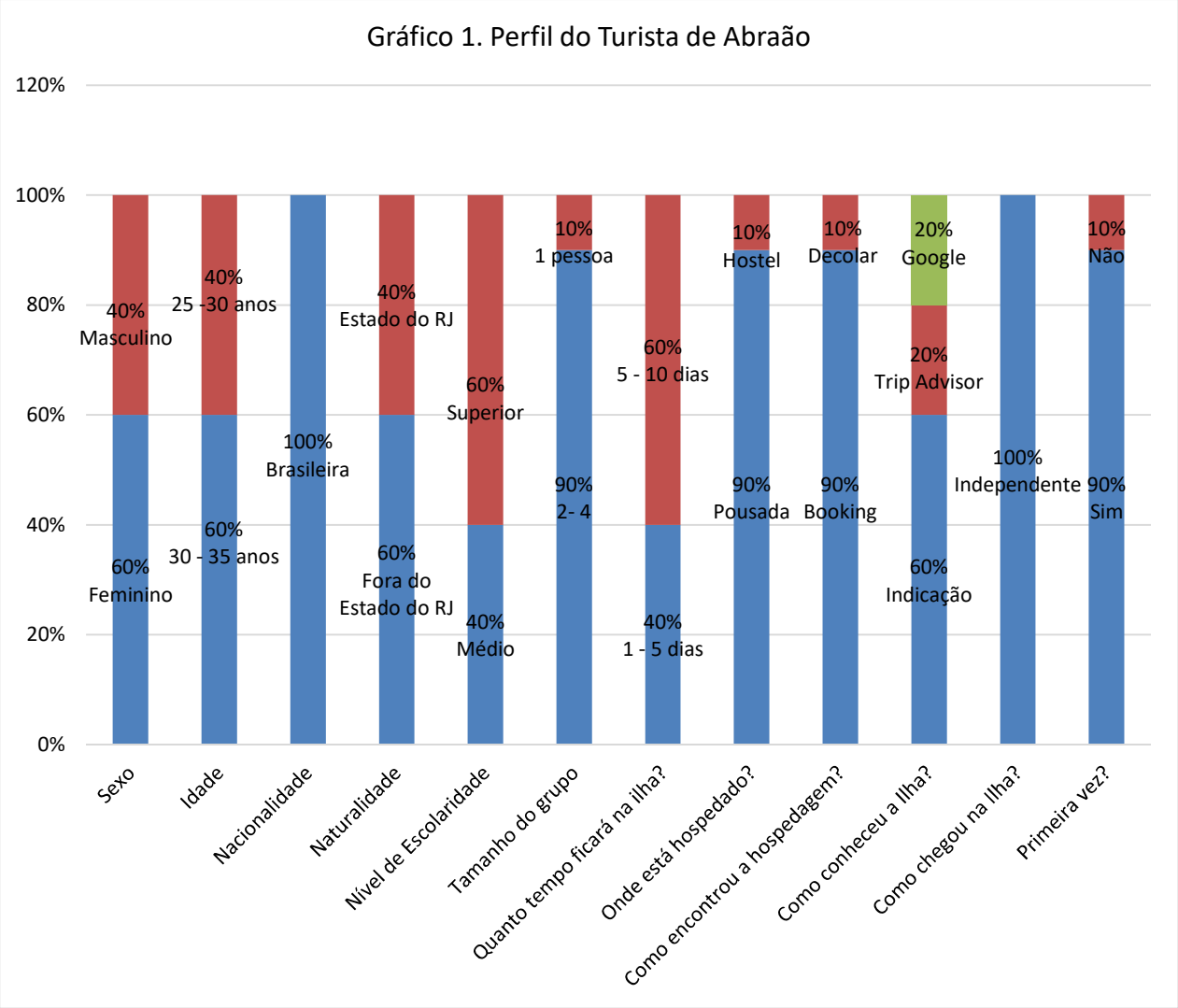
Figura 16. Ruínas do Lazareto. Fonte: Autora, 2017.

Figura 17. Praia Preta. Fonte: Autora, 2017.

Exposição é a categoria que coloca como fundamental para a análise espacial observar como certos elementos possuem uma posição de exterioridade. O Centro de Abraão, por toda sua construção de receptor de visitantes e turistas, possui essa potencialidade. Assim como as Ruínas de Lazareto e o Aqueduto (Figura 18), que possuem esse caráter de legitimação de visibilidade por serem duas construções e interferências antrópicas em meio a um ambiente não-humano. Destaca-se que esta categoria também traz a questão de analisar o ambiente a partir do que se impõe como o que deve ser visto ou não: mesmo o Lazareto ainda recebendo destaque, o avanço da floresta e sua deterioração sem nenhuma preocupação de conservação são práticas que começam a negligenciar sua presença.

Figura 18. Aqueduto no Circuito Abraão. Fonte: Autora, 2017.

Diante dessa inventariação, em cima dos pontos potenciais, foi possível exercitar a percepção do ambiente de visitantes e turistas. Essa prática foi realizada em um Trabalho de Campo no mês de Novembro de 2017, início do verão e da alta temporada turística da Ilha Grande. A amostra analisada (Gráfico 1) tem como característica um público maior feminino, brasileiro, entre 25 e 30 anos, com ensino superior, hospedado em pousadas, compostos por grupo entre 2 a 4 pessoas, conhecendo a ilha pela primeira vez, e tendo a indicação de amigos como o principal veículo de informações sobre a Ilha Grande, seguido por buscas na internet.



Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Nesse perfil, todos afirmam que a prinicipal atividade a ser realizada na Ilha Grande é referente aos passeios de barco, tornando Abraão, ao mesmo tempo que concentrador de certas atividades, um ponto dispersor para as outras enseadas. Eles também apontam que os valores que Abraão possui estão em torno do Geológico (identificam a Praia Preta e o Poção), Histórico (exemplificam com o Lazareto e o Aqueduto) e Paisagístico (colocam todos os pontos como representantes deste valor). Tendo como principal destaque a tranquilidade e a paz que eles, juntos, geram. O que para o público analisado mais chama atenção na enseada, está voltado para os sentimentos de calma, de conhecimento histórico, e necessidade de estar na natureza para se viver bem. Outros também trouxeram lugares que mais se sentiram confortáveis, ou interessados, para se remeter a esse ponto positivo em Abraão, como por exemplo “A beleza e o silêncio da Praia Preta”; “O mergulho no Poção”; e “As Ruínas do Lazareto”.

Outro ponto em comum é que todos consideram a Ilha Grande como um patrimônio, entretanto, 60% sinalizam que não há uma conservação suficiente, e que a sua deterioração (causada pelo próprio homem) acaba afastando da realidade o fato de ser considerada oficialmente um Patrimônio Nacional. Interessante destacar que, ao serem exercitados em dizer o que para eles significaria Patrimônio, 90% remeteram-se a algo relacionado à natureza, e, ao mesmo tempo, elementos importantes para eles. Ao serem solicitados exemplos, colocaram aspectos relativos diretamente ao meio ambiente (plantas e animais; montanha ou praia; Planeta Terra) junto com seu imóvel, veículo, o que apresentam como principal identificação com o tema patrimonial a relação sentimental e de pertencimento. Já 10%, composta por uma estudante de Design, destacaram o meio ambiente e as obras de arte como patrimônios, e colocaram que os dois são resultados de interações entre o homem e o meio, de forma equilibrada e de busca de conservação para ambos. Também foi a única que colocaram como herança um exemplo de patrimônio, destacando, assim, como a formação da ideia patromonial muito é construída pela visão de mundo, e de reconhecimento de valores e funções para cada indivíduo.

Para a amostra analisada, os principais problemas encontrados na enseada estão voltados para a falta de infraestrutura local, precário sistema de esgoto, pouca informação sobre a história do lugar, pouca sinalização nas trilhas, a dificuldade de locomoção (ao mesmo tempo o excesso de barcos na orla da Praia de Abraão) e a coleta de lixo. Assim, as observações aqui colocadas apresentam que a percepção estimulada nesse momento enxerga uma paisagem como artefato, considerando-se o impacto do homem sobre a natureza. Muitas pessoas veem, em primeiro plano, numa cena, o registro do homem em todas as coisas, por isso tudo que há, tanto de negativo quanto de positivo, percebido está em relação as práticas do homem no lugar. A Terra, portanto, é identificada como uma plataforma sobre a qual tudo o que se segue é consequência da ação do homem. O que contradiz com todo o imaginário tratado de "um lugar charmoso, com total estrutura" capaz de recepcionar e dar suporte para todos os visitantes e turistas, como observado nos sites analisados (Anexo 3). Além de não ser a enseada com maior "preservação ecológica", nem com "os cursos de água descendo das montanhas e desaguando nas praias" de forma tão romântica como tratada, pois o que mais se observa é justamente a insalubridade, o lixo e o despejo direto de esgoto nesses córregos que desaguam no mar.

Quando questionadas em relação ao sentimento que poderia atribuir ao lugar em que estava, há um conjunto de respostas que representam como a composição dos elementos que

lhe remetem sentimentos e experiências voltadas para a história, para o passado; e um conjunto que se volta mais para uma sensação de bem-estar e fuga da realidade do sujeito, buscando sua reconecção com a natureza. Ou seja, esse tópico da percepção faz o público se dividir entre a observação da paisagem como uma história, um registro de ocorrências diversas de experiências do passado – totalmente relacionados com os 30% que disseram conhecer a história da ilha, e com os 10% que já haviam visitado –, e como uma observação do lugar o considerando uma paisagem familiar e de relações mais intríscecas.

Os turistas e visitantes de Abraão realizaram atividades na enseada muito pelo seu caráter, ainda que precário, de infraestrutura para recepcioná-los, mas também pelo seu viéz histórico de ainda possuir, mesmo que em ruínas, o Lazareto e o Aqueduto, e pelo destaque que a Praia Preta possui. Entretanto, a partir da análise da percepção, as respostas em 40% de não ter tido suas expectativas atendidas, e muitos pontos negativos voltados justamente para o que a enseada é descrita como destaque (infraestrutura e suporte) mostra a contradição do seu imaginário propagado com a sua realidade.

5. O CALDEIRÃO DO DIABO: O FANTASMA DO CÁRCERE

> O mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, fantasmas prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolhermo-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas idéias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenhara nelas que me sentia inteiramente perdido. (GRACILIANO RAMOS, 1936)

A Enseada de Dois Rios é o berço da principal história carcerária da ilha. De 1903 a 1932, abrigou a Colônia Correcional de Dois Rios. Em 1940, foi edificado o IPCM e, com sua desativação em 1994, e a paulatina apropriação da Ilha para o turismo, as mudanças de paradigmas dos moradores locais eram proeminente. O Instituto Penal chegou a ser considerado uma prisão de segurança máxima, graças aos obstáculos que impediam a fuga: distância do continente, floresta densa e fechada e o mar circundante. Os poucos que se aventuravam em se arriscar não obtinham êxito, porém com a evolução dos meios de comunicação, transporte, a comunicação entre presos e o planejamento, as fugas tornaram-se mais fácil. Além do rígido controle sobre os internos, a presença da instituição carcerária na vila exigia, também, forte domínio sobre a população local e os visitantes dos internos que desembarcavam na Ilha. Esse controle era efetivado através da rígida organização espacial da vila. Portanto, a rotina e fluxos de Dois Rios eram completamente voltadas para o presídio.

A evasão de uma quantidade significativa de funcionários para seus locais de origem e falta de conservação de suas estruturas e edificações, junto com as limitações impostas pela instauração do PEIG, fizeram com que a Dois Rios entrasse em estado de degradação, na qual os moradores ainda presentes passam por difíceis questões de infraestrutura e acesso, mas que também não intimidou a visitação pública.

> A comunidade da vila de Dois Rios era constituída de agentes penitenciários, policiais militares, esposas e filhos, alcançando um total de cento e vinte e sete pessoas ligadas de alguma forma ao presídio. Além dos quase setecentos internos e mais os colonos livres, que com suas famílias somavam em torno de quinhentos e quarenta pessoas vivendo em casas construídas pelos próprios presos ou invadidas, situadas nos acessos ao Saco da sardinha e a praia de Parnaioca Grande parte da população da Vila Dois Rios é ainda hoje composta de policiais e guardas penitenciários que foram funcionários da antigo Instituto Penal Cândido Mendes. De modo geral, eles gostam de falar do passado, de contar histórias e narrar como era a vida no tempo da prisão. Para os policiais e agentes penitenciários, o passado remete a lembranças saudosas de uma época de orgulho da carreira e das façanhas nas

> capturas dos presos fugitivos, além da tranqüilidade da vila estabelecida pelas rígidas regras do presídio. (XAVIER, 2008, p. 85)

Com a desativação do presídio, a população perdeu um ponto de referência que a estruturava cultural e economicamente. Se por um lado, a existência do presídio exigia rígidas normas de controle e segurança impostos pelo estado ao uso do território, contribuindo para conter o crescimento da população local e da visitação. Por outro, o presídio propiciava emprego, lazer, educação e assistência médica, sendo grande o auxílio prestado pelos agentes penitenciários e policiais militares aos moradores da Vila de Dois Rios, que foram interrompidos com a instalação física do campus da UERJ.

O Parque Estadual da Ilha Grande foi o terceiro Parque criado no Estado do Rio de Janeiro, através do Decreto Estadual nº 15.273/71 e depois revisado pelo Decreto n° 2.061 que implantou definitivamente o PEIG. Tinha inicialmente cerca de 15 mil hectares que após o novo decreto estabelecido pelo governador Faria Lima, em 1979, passou a ter 5, 6 mil hectares, ou seja, área bem inferior ao primeiro. A área do PEIG abrangia as terras dos distritos de Abraão e Araçatiba excluindo os terrenos do complexo presidiário, porém, em 1996, houve a expansão do Parque para a área da comunidade de Dois Rios. No governo de Sérgio Cabral, em 2008, a área do parque foi duplicada ficando com 12 mil hectares, o que corresponde a 65% da Ilha. A defesa do meio ambiente colocou limites a práticas anteriores e causou ressentimento entre os moradores da vila. Outro exemplo dos limites impostos à comunidade pode ser descrito com a proibição de corte das árvores que crescem na área do antigo cemitério pelo INEA. Muitos moradores tiveram seus parentes enterrados ali e não podem visitar o local, pois a mata tomou conta da área e o corte das árvores para manutenção é proibido pela administração da UC.

Os planos originais para o Parque, que desconheciam de início as comunidades ou imaginaram poder tirá-las da área, defrontaram com a situação concreta (resistência, permanência) tendo que se modificar. A presença de moradores em área de Parque e sobretudo a atividade turística que praticam, totalmente inaceitáveis perante a legislação vigente, são de certa forma toleradas, apesar das restrições impostas. Houve convocações para que as universidades interessadas na área se manifestassem. Três universidades mostraram interesse: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). As duas primeiras exigiam que as populações residentes fossem retiradas, porém, como a proposta da Universidade deveria incorporar a população e prestar assistência a ela, tanto a UFF como a UFRJ retiraram suas candidaturas e a UERJ ganhou o direito ao uso da área pelo período de 50 anos. A partir de

então, a área do IPCM, incluindo suas benfeitorias, foi transferida de acordo com um Termo de Cessão de Uso à UERJ, possibilitando a utilização do espaço, incluindo parte do parque (cerca de 50ha) e áreas de restinga, manguezais e rios para fins de pesquisa científica. Assim, a UERJ iniciou suas atividades em 1995 com projetos de pesquisa nas áreas de Biologia e Ecologia, inaugurando em 1998, a sede do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – CEADS.

As ruínas do IPCM e sua praia são bastante visitadas. Entretanto, não há meios de hospedagem, nem é permitido o pernoite de pessoas não autorizadas, por conta do parque. Na implosão do prédio do IPCM, demandada pelo governo do estado, pode ser visto um desejo de "apagar" uma parte da história, interpretada como uma nódoa a empanar o brilho da beleza deslumbrante (patrimônio paisagístico) da Ilha, que ele queria turística. Entretanto, a UERJ, que veio ocupar o lugar do presídio, criou sobre os escombros da implosão o Museu do Cárcere (o Ecomuseu) sinalizando que a história negada constituía outro tipo de patrimônio a ser protegido. Outro museu encontrado é o Museu do Meio Ambiente, utilizando as edificações mais antigas de Dois Rios, da fazenda do Holandês, para tratar assuntos relacionados ao biopatrimônio, e uso sustentável. Além dessas estruturas, existe apenas um restaurante (Figura 19), um bar e duas igrejas, sendo uma católica e outra evangélica (Figuras 20 e 21), e as outras casas são de moradia (Figura 22), na qual muitas se encontram em estado de abandono. A vila em si se destaca por sua aparência abandonada e deteriorada pelo tempo, e pela falta de preservação de suas estruturas – por conta da vitória do discurso da conservação ambiental –, além dos escombros e ruínas, há a presença de equipamentos deixados e em estado de decomposição e sucateamento, como o trator em frente ao Museu do Meio Ambiente (Figuras 23 e 24). Entretanto, esses mesmos destroços têm em sua presença uma capacidade de produzir emanação e a guardar inexoravelmente as lembranças do cárcere. Um sentimento de que toda a infraestrutura e vida da vila eram intimamente ligadas ao sistema penitenciário, e que junto com o seu fim, Dois Rios deixou de ser, também.

Figura 19. Restaurante na Enseada de Dois Rios. Fonte: Autora, 2017.

Figura 20. Igreja Evangélica na Enseada de Dois Rios. Fonte: Autora, 2017.

Figura 21. Igreja Católica na Enseada de Dois Rios. Fonte: Autora, 2017.

Figura 22. Casas habitadas na Enseada de Dois Rios. Fonte: Autora, 2017.

Figura 23. Edificação em ruínas. Fonte: Autora, 2017.

Figura 24. Trator abandonado em frente ao Museu do Meio Ambiente. Fonte: Autora, 2017.

O nome "Dois Rios" advém de sua composição: cada ponta da praia há um rio. A água doce dos dois rios se une com a água salgada do mar e formam as conhecidas Barra Grande e Barra Pequena (Figuras 25 e 26). Os rios banham um extenso manguezal, que equilibra o ecossistema de toda a região. É nesse manguezal que os peixes se procriam. Os rios são abastecidos por duas cachoeiras diferentes. As águas do rio da Barra Grande chegam de uma cachoeira que nasce pelo lado da Parnaioca. As águas que abastecem o rio da Barra Pequena vêm de uma cachoeira menor, suas águas partem do Abraão. A forma mais utilizada para se chegar a Dois Rios, além da trilha de 7 km, são os passeios marítimos chamados Super Sul ou meia volta de lancha, sendo algumas vezes uma visitação contemplativa, pois não há como descer na praia, pela inexistência de um cais para atracação dos barcos, além do mar nem

sempre ser calmo e os ventos do quadrante sul impedirem qualquer aproximação por mar quando sopram.

Figura 25. Rio Barra Grande. Fonte: Autora, 2017.

Figura 26. Rio Barra Pequena. Fonte: Autora, 2017.

5.1 Da Conservação Penal ao Cárcere Turístico

"O culto ao passado requer ilusão em vez de autenticidade. [...] Uma função importante dos museus é produzir ilusões didáticas" (TUAN, 2013, p. 236). Dentro dessa proposta, os pontos potenciais de Dois Rios – Praia de Dois Rios; Rios Barra Grande e Barra Pequena; Ecomuseu Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere; Museu do Meio Ambiente – têm os museus com funções de realizar alusões, ou ilusões, tanto ao passado, quanto a uma nova proposta de conservação do ambiente da enseada (Anexo 4). Categorizados como ponto

de vista, o Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere possui o objetivo de ainda fazer permanente a existência do presídio, permitindo que ações no sentido de preservar suas ruínas e memória ainda possam ser desenvolvidas, afinal, removê-las acarretaria além de uma grande perda de identidade para os resistentes moradores, um incalculável prejuízo para a memória histórica do Brasil, que não se faz apenas de belas construções[24]. O Museu do Cárcere reúne objetos da época do presídio (Figuras 27 e 28), e narra as histórias que envolvem o território ao sistema carcerário, e tem como um de seus principais objetivos o desenvolvimento de ações e atividades de pesquisa voltadas à preservação e difusão de conhecimentos relacionados ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da ilha. Fazendo com que os moradores locais participem desses exercícios, e todo o produto gerado, é vendido no próprio museu (Figura 29). Dentro dessa mesma categoria, ainda se encontram o Museu do Meio Ambiente e a Praia de Dois Rios. Esses trazem uma conotação mais atual do uso da enseada. O museu possui um caráter de conscientização e reaproveitamento de materiais, o que reforça ainda mais a venda de um imaginário sustentável, uma herança positiva do cárcere e sua conservação do ambiente. Já a praia da enseada se encontra-se como ponto de vista no seu sentido concreto, de apreciação da paisagem e de uma simbologia do selvagem e intocável ambiente natural.

Na categoria composição, os museus também são bastantes representativos por terem como base de suas estruturas edificações do presídio Cândido Mendes, no caso do Ecomuseu e da fazenda do Holândes, no caso do Museu do Meio Ambiente (Figura 30). Já no âmbito abiótico a composição dos rios Barra Grande e Barra Pequena também são potencializadores para sua atratividade. Na margem do Barra Grande, é possível encontrar em os amoladores-polidores[25], que são conjuntos de rochas que apresentam sulcos resultantes da atividade de elaborar objetos polidos, vestigios de uma comunidade pretérita o que traz para enseada um potencial valor arqueológico (Figura 31). Sua composição formando um mangue e o encontro com a água salgada fizeram com o que, dentro de um jogo de elementos tão distintos de Dois Rios, eles assumam certo destaque.

---

[24] Outros presídios, como o da Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, o de Alcatraz, nos Estados Unidos e o da Ilha de Anchieta, no Brasil, hoje configuram grandes atrativos turísticos. Toda a simbologia envolvendo a existência de uma penitenciária em uma ilha torna a mística da visitação muito mais pronunciada. O cárcere exerce fascínio por si só, assim como o isolamento de uma ilha. Mas o primeiro gera uma mística que pode variar do asco à excitação (Xavier, 2008).

[25] Maria Cristina Tenório. Povoamenteo pré-histórico da Ilha Grande. In. Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. EDUERJ, Rio de Janeiro. 2006

Figura 27. Interior do Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere. Fonte: Autora, 2017.

Figura 28. Objetos utilizados na época do IPCM e expostos no Ecomuseu. Fonte: Autora, 2017.

Figura 29. Artesanato feito pela comunidade, e exposto para a venda no Ecomuseu. Fonte: Autora, 2017. .

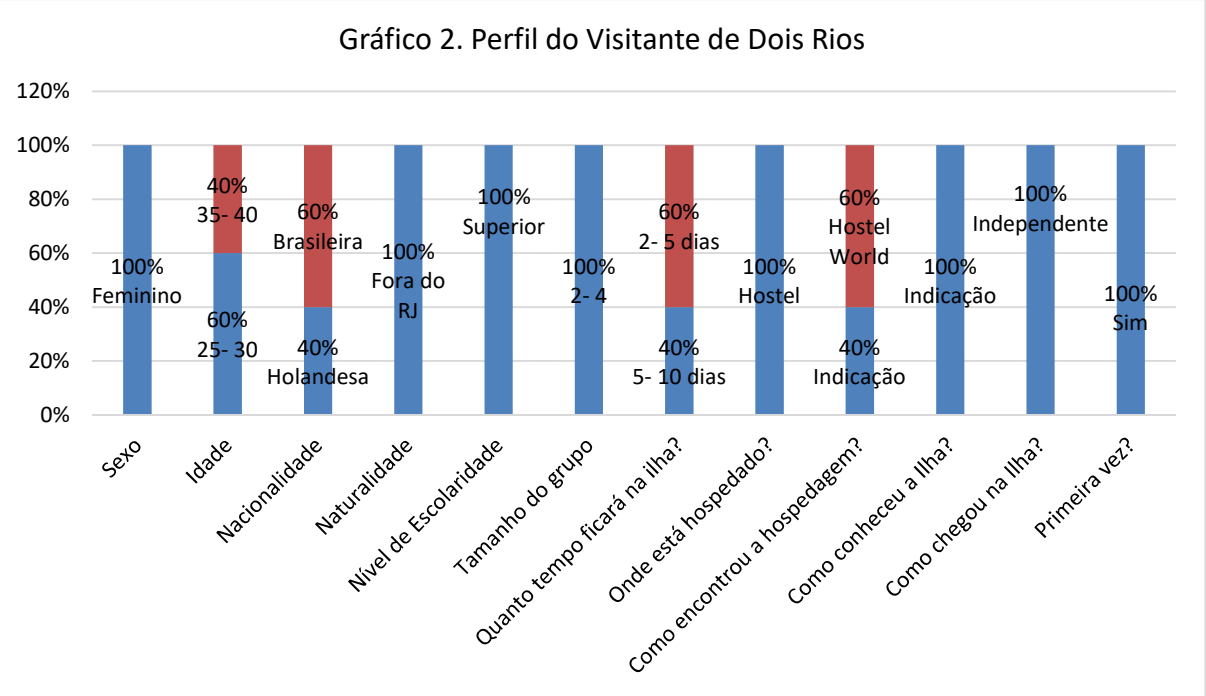
Figura 30. Museu do Meio Ambiente. Fonte: Autora, 2017.

Figura 31. Amoladores-polidores encontrados no Rio Barra Grande. Fonte: Autora, 2017.

Possuindo uma posição de exterioridade natural, a Praia de Dois Rios encontra-se na categoria exposição. Sua extensão de um pouco mais de 1km, bordeada por rios, e mesmo bem próxima das edificações da vila, essa não causa nenhuma interferência direta em sua paisagem, faz com que ela seja o principal destaque atual da enseada, voltado para uma Ilha que vende o imaginário selvagem e natural. Assim como o Ecomuseu (Figura 32), que pela sua estrutra ser a maior dentre as demais construções na enseada, é logo o principal ponto potencial avistado.

Figura 32. Ecomuseu visto da entrada da Enseada de Dois Rios. Fonte: Autora, 2017.

Diante desta inventariação, foi possível realizar o exercício de percepção com os visitantes em Dois Rios, em novembro de 2017, onde apresentaram o seguinte perfil (Gráfico 2): 100% do público feminino; a maioria brasileira, do Distrito Federal; com curso superior; em um grupo de 2 a 4 pessoas, hospedadas em hostel; sendo a maioria pretendendo ficar na Ilha Grande entre 2 a 5 dias; e todas tendo conhecido o território insular a partir de indicações, e visitando pela primeira vez.



Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Diferente dos públicos das outras enseada, esse não apontou os passeios de barco como uma atividade buscada. O que se era pretendido realizar tanto na ilha, como um todo, quanto na enseada, eram práticas de trilha e museus. Sendo destacado como os principais valores de Dois Rios o geológico, o paisagístico e o histórico. Colocando como exemplificações desses atributos a praia deserta e sem lixo, a população sem muita interferência na enseada, e o isolamento, principalmente quando constratado com a urbanização e o "desmatamento" de outros espaços da própria Ilha Grande, como Abraão. Mesmo Dois Rios sendo conhecido nacionalmente como um dos espaços na ilha mais utilizados pelo homem, esse sentimento e propagação de um imaginário lugar deserto e edênico são altamente trabalhados e buscados.[26] O confronto com a população local é dado

[26] A delimitação do Parque Estadual da Ilha Grande para a área da comunidade de Dois Rios serviu como limite de atuação do poder territorial da população local da vila e, também, como um diferenciador do que e de quem está dentro e do que e de quem está fora. Enquanto havia proibições à população local (os de dentro) a suas práticas, um novo grupo ganhava um espaço para uso, os visitantes, turistas e pesquisadores (os de fora). A

pelo total desprezo de ambos os lados: os visitantes que vêem a comunidade como meros resquícios do passado carcerário, ou como funcionários da universidade, que pouco interferem na satisfação de seus desejos de estarem em um lugar paradisíaco; e por outro lado, o próprio receio da chegada de pessoas completamente desconhecidas em um lugar de importância afetiva para uma comunidade, que se vê cada vez mais esquecida e colocada em segundo plano para que outros usurfruam do espaço[27].

Entretanto, eesta percepção não é apenas sentida in situ pelos visitantes, Dois Rios é a única enseada descrita nos sites como a mais conservada por ter sido, durante muito tempo, um lugar que inibiu a atividade turística, por abrigar o presídio Candido Mendes (Anexo 5). Porém, negligenciam a presença de moradores relacionados ao cárcere, colocando-os numa generalização de atuais funcionários da UERJ. O presídio, mesmo reconhecido por inibir a prática turística, ainda é falado como um passado não mais presente, nem relevante, o que descaracteriza e tira o valor simbólico da enseada e de sua população. Diferente do que será trabalhado em Lopes Mendes, Dois Rios possui a sua "natureza selvagem" muito mais voltada para a superação de um uso intensivo como o presídio, que ao mesmo tempo foi o principal fator para a manutenção de sua conservação. O selvagem retratado aqui é como algo que parou no tempo, uma "vila bucólica", que gera certa romantização de um território atual totalmente degradado por uma Unidade de Conservação, que pelo discurso de salvaguarda de um patrimonio natural, deixa por acabar de renegar toda uma história, memória e resistencia da população local.

Assim como Lopes Mendes, e diferente de Abraão, a enseada é bastante escolhida por ser pouco visitada. O que resgata o sentimento de isolamento e necessidade de se estar

---

criação do território da proteção da natureza ao mesmo tempo em que foi usado para excluir a população da vila, foi também usado para conquistar grupos diferentes (turistas e pesquisadores), que passaram a controlar e coordenar o território e, também, os grupos nele inseridos. A população de Dois Rios, hoje, vive em função desses novos atores estranhos ao antigo território do cárcere. (XAVIER, 2008)

[27] Uma análise sobre o contexto atual da Vila de Dois Rios aponta para situações de grande complexidade estrutural. A criação do território da natureza buscou apagar os símbolos do território do cárcere e reconstruir a paisagem natural original da área, porém, não obteve êxito. Os símbolos do território do cárcere como as rígidas relações sociais (exaltação da ordem, o medo a estranhos), as constantes frases saudosistas dos moradores e a lembrança do IPCM ainda permanecem no imaginário da população da vila e enchem de curiosidade os visitantes que desembarcam na Ilha. Independente da importância da proteção da área, não há como alterar ou voltar atrás na paisagem criada. O seu uso histórico como território do cárcere, a resistência das populações na manutenção do território pretérito e os conflitos na implementação e construção do território da natureza evidenciam as relações diacrônicas e a dificuldade no estabelecimento de políticas territoriais ambientais eficazes para a vila. O passado persiste. Trata-se como intitulou Oliveira (2002) de uma "paisagem-museu". (XAVIER, 2008)

distante. Porém, o contato com as pessoas que moram na Vila causa certa estranheza, prinicpalmente pelos visitantes não entenderem o porquê daquelas pessoas viverem no estado depreciavel que Dois Rios se encontra. Com isso, o bucólico transforma-se em “cidade abandonada”, “vila fantasma”, “pessoas abandonadas”. A falta de informação do visitante, somado a toda insuficiência, e interesse de proteção dessa parte do território geram discursos preconceituosos. Há também a percepção de que a forma como está é a representação da manutenção do passado, e que entrar em contato com isso, gera um sentimento de volta ao tempo, e que o único fator negativo é a falta de divulgação.

Os pontos negativos também se contradizem ao passo que almejam o isolamento, os visitante questioam a falta de infraestrutura e recepção. Não ter carros que ofereçam o passeio, uma trilha sem sinalzação, nem mais opções para lanches e almoço foram uma das principais questões desfavoraveis. Outro ponto interessante foi a crítica ao Museu do Meio Ambiente, e também para toda a ilha, quando indicado que a falta de uma coleta de lixo seletiva é a ação mais contraditória vista no território insular que alega tanto o discurso de conservação. Ao responderem o que seria Patrimônio 100% das visitantes, disseram algo relacionado à herança e ao valor para ciência, sendo 40% acrescentandos ao valor cultural e algo pertencido como resposta. Somando-se a isso, é possível entender porque 90% dos sentimentos relatados eram de, ao mesmo tempo, tranquilidade e paz, com abandono, insignificância e necessidade de preservar melhor o ambiente. Os próprios sentidos que fazem almejar certos lugares, e desfrutar o ambiente, geram percepções críticas, muitas vezes contraditórias, em relação a ele.

6. A BUSCA PELA INOCÊNCIA PARADISÍACA: O ASSOMBRO DO TURISMO

De acordo com Oliveira (2003), Lopes Mendes faz parte do conjunto de praias do setor Meridional – além de Proveta, Dos Meros, Aventureiro, Do sul, Do Leste, Parnaioca, Santo Antônio, e Dois Rios – onde se localizam as únicas lagunas da Ilha e caracteriza-se por trilhas que embora sigam antigos cursos d'água cortam relevos muito íngremes e possui praias grandes de larga faixa de areia e mar agitado, tendo acesso quase restrito, principalmente voltado para banho de mar, nos meses de verão em razão da instabilidade marítima (Figura 33).

Figura 13. Enseada de Lopes Mendes. Fonte: Autora, 2017.

Apesar de atualmente ser considerada uma praia deserta, e erroneamente, selvagem, a enseada possui um histórico de uso e ocupação que alteraram bastante sua paisagem. Antes do uso lusitano, habitavam em Lopes Mendes os índios Tupinambás que além da aldeia da Baia de Locumen - assim classificada num antigo mapa da Ilha Grande, produzido pelo Capitão E. Mouchez, da Marinha Imperial Francesa em 1868 -, também habitavam outras praias próximas, como Santo Antônio, Caxadaço, Dois Rios, Castelhanos e Pouso. Em todas essas praias, ainda é possível observar as marcas deixadas por afiamentos de machadinhas, pontas de flechas, remos, entre outros utensílios usados pelos indígenas. No período colonial, Lopes Mendes se destacava por ser uma das maiores fazendas da Ilha Grande, principalmente na criação de gado, não sendo muito utilizada para fins de atracamento de barcos por ser uma enseada aberta para o oceano, e possuir uma formação de ondas não favorável para a atividade de forma segura. Com isso, o único meio de embarcar a produção da fazenda era levá-la em carroças até a Praia do Pouso. Como vestígio dessa fazendo ainda há uma capela

(Figura 34), que foi modificada pelo tempo, mas que atualmente encontra-se abandona e em processo de deterioração, logo a esquerda da trilha de acesso à praia.

Figura 34. Capela encontrada na Enseada de Lopes Mendes. Fonte: Autora, 2017.

Durante o presídio, foi habitada por um alemão de nome Peter, que teve como principal marco a construção de um pequeno e irregular aeroporto que auxiliava no desembarque de armas, drogas e tantas outras mercadorias em alto mar as quais eram recolhidas por pequenos barcos até a praia, de onde seguiam de avião para as mãos dos contraventores de terra. Entretanto, essa pista de pouso também era utilizada por pequenos monomotores que traziam visitantes de forma privativa para mergulhos e passeios pelas praias particulares do arredor.

Com a entrada do PEIG, todo tipo de atividade antrópica em Lopes Mendes foi cessada, sendo hoje apenas utilizada para fins recreativos, práticas de surf e turismo. Além da própria capela, a única interferência antrópica existente é uma escultura que fica na areia da praia na forma de um baú de tesouro (Figura 35), que se remete à época de corsários e piratas, que por muito tempo circulavam por esse território insular, e também fazem referência pela praia ser um grande tesouro a ser preservado na Ilha Grande. Além disso, apenas pequenos vendedores ambulantes circulam pela praia vendendo bebidas e pequenos lanches.Para se chegar à praia, a prática mais utilizada é o passeio de barco Abraão para a praia de Mangues (Figura 36) ou Pouso (Figura 37), sendo de lá, obrigatório percorrer uma pequena trilha (T11). É o passeio mais feito na Ilha Grande, chegando a sair cerca de mais de 10 embarcações do cais de Abraão com destino a enseada. Uma alternativa, menos utilizada, mas ainda assim praticada, é a realização de duas trilhas (classificadas como T10 e T11) que formam a ligação entre Abraão e Lopes Mendes, passando por 3 enseadas: Palmas, Mangues e Pouso. Uma trilha com cerca de 7km de extensão e considerada de nível alto, principalmente por possuir

trechos bastante íngremes. Nas praias de Mangues e Pousos, diferente de Lopes Mendes, já observa-se uma estrutura maior de recepção do turista, onde além do cais, encontram-se alguns restaurantes, propriedades privadas e barracas. Entretanto, é uma área que muitas vezes possui sua capacidade de suporte excedida pela quantidade de barcos, não apenas coletivos de turistas que saem de Abraão, mas também muitos particulares que atracam sem controle ou conscientização.

Figura 35. Baú na orla de Lopes Mendes. Fonte: Autora, 2017.

Figura 36. Praia de Mangues. Autora, 2017.

Figura 37. Praia de Pouso. Autora, 2017.

6.1 Mais Bela Praia da Ilha Grande

Como afirma Tuan (2012), não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Logo de início, sua forma tem dupla atração, na qual por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; já por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. A praia também é banhada pelo brilho direto, e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão, penetrando entre os dedos dos pés, e a água recebe e ampara o corpo. Lopes Mendes encaixa-se na descrição acima, e muito do seu imaginário é pautado em todo o sentimento de liberdade, aventura e realizações de desejos.

A partir da inventariação (Anexo 6) realizada em campo, foram identificados 5 pontos potenciais caracterizados pelas categorias de análise de Gomes (2013): Praia de Mangues, Praia de Pouso; Praia de Lopes Mendes; Capela; e Córrego. Junto com esta inventariação, também é possível fazer relações com o que Collot (1986, apud XAVIER, 2007) organiza como três situações que auxiliam no estudo da paisagem: ponto de vista, parte ou unidade, e conjunto. Para esse autor, o indivíduo não recebe passivamente os dados sensoriais, mas o organiza ativamente para atribuir-lhes um significado.

Em relação ao ponto de vista – tanto de Gomes quanto de Collot – a paisagem é definida de onde se observa, e, como condição para sua existência, envolve uma atividade do sujeito. A paisagem não é um simples objeto, em face do qual o individuo poderá situar-se exteriormente. Sujeito e objeto são inseparáveis, onde o primeiro encontra-se envolvido pelo espaço, pela paisagem. Dentro dessa categoria encontram-se os seguintes pontos: Praia de Mangues; Praia de Pouso; e Praia de Lopes Mendes. Além do significado concreto de serem pontos de apreciação, todas trazem um sentido metafórico que envolve sentimentos de busca pelo intocável, praias com menos interferências antrópicas e áreas de refúgio. Além de Lopes

Mendes já ter sido eleita pelo site TripAdvisor, no ano de 2014, como a 3º melhor praia da América do Sul, e a 13º praia mais bonita do planeta. Tendo até no meio de sua pequena trilha, uma placa informando aos turistas sobre essa posição mundial favorável. Entretanto, em 2017, pelo menos site, ela já não está mais presente no ranking mundial, e caiu para a 11º melhor praia da América do Sul.

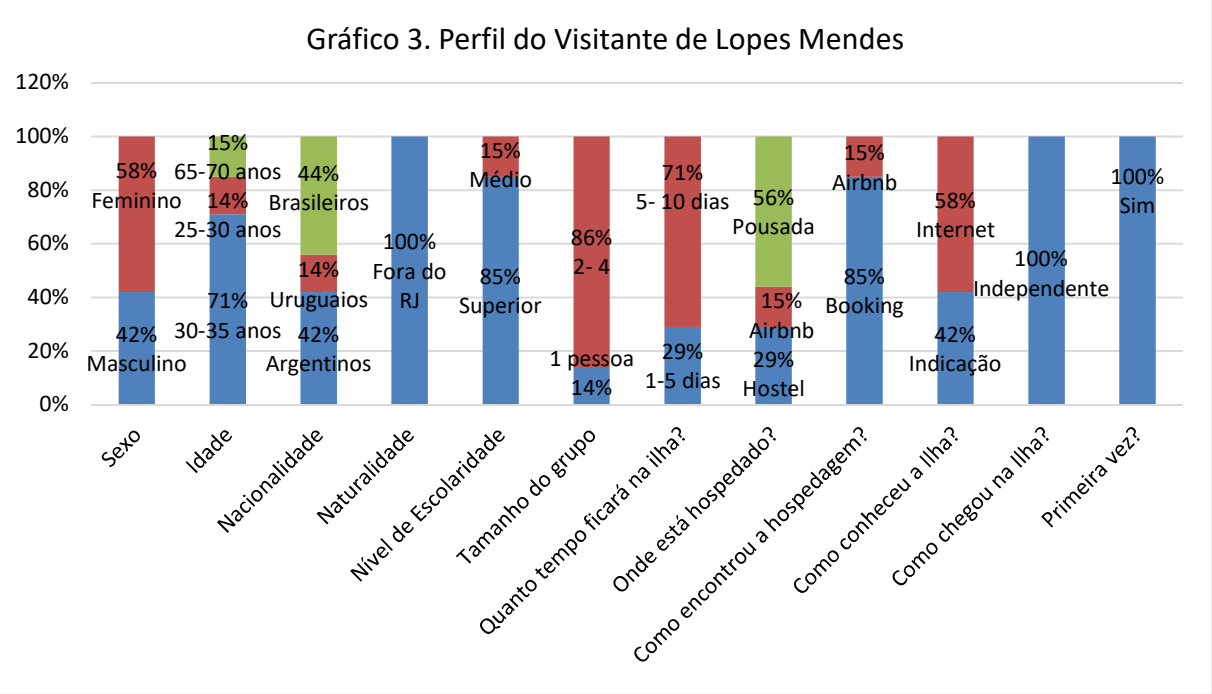
O limite entre partes ou unidades manifesta-se pela circunscrição dentro de uma linha além da qual nada é visível (horizonte externo) e pela existência no interior da área de partes não-visíveis (horizonte interna). É uma forma de estudo da paisagem que dialoga com a categoria de análise composição, na qual os elementos que constituem os pontos potenciais, muitas vezes, são os que fornecem destaque para a atividade turística. São estruturas, que dentro de um jogo de posições, formam algo novo. Assim, encaixando-se nessa categoria, temos os pontos: Córrego e Praia de Lopes Mendes. O Córrego (Figura 38) que desagua em Lopes Mendes tem em sua composição uma alternativa para o mar aberto e agitado da orla. Além de ser pouco conhecido e com menos concentrações de outros turistas e visitantes. Já a Praia de Lopes Mendes é composta por uma vegetação de restinga em processo de recuperação e tem como principal destaque uma extensão de areia de aproximadamente 3 km, com uma paisagem que atualmente se demonstra com pouca influencia antrópica.

Figura 38. Córrego que deságua em Lopes Mendes. Fonte: Acervo NEPPT, 2016.

A ideia de conjunto é ressaltada, considerando que a paisagem constitui-se como totalidade coerente, compondo um contexto que é alcançado de um só golpe de vista. Assim, ela é o resultado de três sistemas organizadores: a visão, a existência e o inconsciente. A partir disso, é possível relacionar essa situação com a categoria exposição, ao passo que certos elementos possuem uma posição de exterioridade dentro de um conjunto expositivo. Como

dentro de certo contexto é possível observar o sobressalto de alguns elementos e a inferiorizarão de outros, tanto por tua capacidade natural de se destacar no meio, quanto por certas ações antrópicas impostas ou por determinados interesses, ou por específicos sentimentos e busca pelo o que olhar. Dentro dessa categoria, encaixam-se: Capela e Praia de Lopes Mendes. Tendo a primeira uma posição, mesmo que em ruínas, de destaque em meio ao crescimento da floresta, sendo também uma própria ação de esquecimento de um passado colonial que muito transformou e impactou a paisagem do que hoje é considerado selvagem. Já Lopes Mendes está nessa categoria pela sua capacidade natural por ser uma orla de grande extensão, além de todas as interferências antrópicas para se criar uma posição de destaque e diferencial dessa praia (como os rankings em que ela aparece, e a própria divulgação de passeios na Ilha Grande).

Com base nessa identificação dos pontos, foi realizado o exercício da percepção do ambiente, dentro de uma amostra que apresentou as seguintes características (Gráfico 3): público maior feminino; entre 30 a 35 anos; com ensino superior; sendo a maior parte de estrangeiros com 42% de argentinos, e 14% de uruguaios; tendo a maioria hospedada em pousadas, mas apresentando indivíduos em hostel, e casa alugadas (airbnb), diferente dos públicos de outras análises; compostos por grupos entre 2 a 4 pessoas; conhecendo a ilha pela primeira vez; e tendo a internet como o principal veículo de informações sobre a Ilha Grande, e em específico Lopes Mendes.



Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

As principais atividades realizadas por esse público envolvem a prática de trilha e os passeios de barco, o que de fato justifica a escolha por Lopes Mendes. Eles atribuem à enseada valores geológicos, paisagísti0cos e ecológicos, tendo como principais pontos positivos: a extensão da praia; a textura da areia; a beleza da paisagem; o mar voltado para o oceano; o fato de ela ter um isolamento de certas edificações e de maiores interferências antrópicas; e seu tipo de vegetação que "mesmo sendo Mata Atlântica, possui cactos", como afirma uma das participantes do exercício de percepção. O que mais se destaca nessa parte da atividade é justamente como ideia de algo paradisíaco e deserto é de fato vendível e reproduzido. Todo público, junto com algum outro ponto positivo da enseada, afirmou que o fato dela ter menos vendedores, menos construções, e até mesmo menos pessoas, faz com que ela seja mais atraente.

A busca pelo isolamento, ter a praia como ideia de refúgio, não só da rotina das grandes cidades, mas também de libertação do próprio outro homem e as mazelas que ele pode trazer (como a chegada do lixo, as edificações, a não preservação), fazem desse imaginário do lugar primitivo e inabitável ser o mais desejado e observado na paisagem. Não diferente, é exatamente dessa forma que Lopes Mendes é tratado nos veículos de informação (Anexo 7): como algo selvagem, deserto, um ambiente não-humano tão buscado para satisfazer os anseios mais remotos de paz e tranquilidade. Portanto, a paisagem aqui é interpretada como natureza, tendo destaque para os elementos físicos, atribuindo pouca influencia a ação do homem sobre o ambiente. O espectador é sempre tentado a retirar o homem da cena, restaurando a natureza à sua primitiva condição. O que pode gerar conflitos entre turistas e visitantes x populações locais, pois, mesmo não sendo o caso de Lopes Mendes, as outras enseadas da ilha são compostas por comunidades que veem no turista a ameaça e a invasão do seu território, que por contrapartida, são vistos pelos visitantes como a interferência no paraíso buscado.

Entretanto, há contradições dessa ideia quando o que se busca exercitar são os pontos negativos da enseada. Mesmo sendo ressaltada como um contato muito próximo da natureza, se não tendo tantas interferências antrópicas, o lixo é o principal foco da percepção negativa, tendo 70% das percepções afirmando não possuírem uma conservação suficiente em Lopes Mendes. Outra contradição é, ao passo que afirmam ela ter um perfil de praia mais deserta, reclamam pela quantidade de pessoas que vão até a enseada, na qual 40% afirmam que os passeios de barco deveriam ter intervalos maiores. Além disso, a falta de informação e

sinalização na trilha, e os preços abusivos também fazer parte do conjunto de questões a serem mais bem trabalhadas em Lopes Mendes.

Diferente do público de Abraão, quando perguntado o significado de Patrimônio, 100% respondeu que seria algo que possui valor para ciência, tendo 80% complementado que também é um elemento que deve ser preservado para o futuro da humanidade. Com isso, ao serem solicitados um exemplo de Patrimônio, eles colocam o Planeta Terra, a floresta, e montanha e a praia. Aqui a relação entre o pertencimento e a questão patrimonial está mais voltada para a necessidade humana de preservar seus recursos, e entender que aquela paisagem é familiar por ser uma parcela individual do infinitamente grande mosaico que é o mundo. Essa noção de grandiosidade imposta pela paisagem ao ser humano é refletida no sentimento que o público alegou possuir ao entrar em contato com a enseada. Há emoção e a necessidade de rever valores, e de se sentir parte da paisagem foi a principal expressão dos turistas. Seguido por um sentimento de liberdade e amplitude, onde o principal desejo realizado estava voltado para as trocas com a natureza, a vontade de estar em um paraíso, e a paz gerada por essa ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disputas de poder, ou de discursos, são raramente expressas como uma força física, e sim exercidas por meio do reconhecimento e aceitação de símbolos de legitimidade. Atualmente, as contradições existentes na Ilha Grande estão em torno da atividade turística e de sua hegemonia quanto à propagação de um imaginário, e a determinação dos usos, explorações e práticas do território insular. A demanda turística da região esteve sempre associada à beleza das paisagens formadas pelo contraste da Mata Atlântica com o mar, tendo até a própria criação da primeira unidade de conservação da região, o PEIG, vinculada ao turismo, na medida em que o primeiro órgão gestor da unidade foi a Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Hoje, tendo diminuído a importância econômica da pesca, a inexistência do presídio, e de outras práticas antes presentes como fonte de renda para os moradores das enseadas, o turismo transformou-se na principal atividade econômica local, mobilizando um grande número de pessoas em sua produção e consumo, principalmente concentrados nas pequenas vilas da Ilha e principalmente na Vila do Abraão.

Com base no exposto, este trabalho buscou compreender os simbolismos da Ilha Grande – ilha como "um lugar especial na imaginação do homem" (TUAN, 2012) e uma ilha como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento (XAVIER, 2008) – utilizando-se da construção de um histórico de uso e ocupação das enseadas, e procurando identificar como os discursos eram propagados a favor, ou não, de certas práticas e a sua interferência nas mudanças de usos do território insular. Foi possível a partir da inventariação dos patrimônios, analisando as divulgações feitas pelas agências turísticas e observações no trabalho de campo, categorizar atualmente o estado de conservação, e a forma como estão disponíveis em uma Paisagem Cultural os elementos tratados como pontos potencializadores para as práticas turísticas. Além de exercitar a percepção dos turistas e visitantes, destacando seu mundo vivido, para assim identificar as contradições desses imaginários, e como a percepção, tratada aqui como um prolongamento do próprio corpo, pode ser a proposta de uma ferramenta fundamental para detectar as precariedades, ou os principais conflitos sociais de um território, muitos ocasionados por discursos que vendem propostas da qual a sua prática não cabe toda a gama de agentes pertencentes aquele lugar.

O turismo que prevalece na ilha é reconhecido como sendo, na maior parte, "turismo de massa", que concentra um número excessivo de pessoas nos mesmos locais em épocas determinadas – no caso da Ilha, o verão –, com apelo nos atrativos naturais. Está conectado com a produção simbólica de uma "natureza preservada", e, ao mesmo tempo, com a ideia de

risco e perigo. Esses se referem tanto ao processo de degradação ambiental, decorrente de um aumento do fluxo turístico tido como incontrolável, como também ao perigo latente, gerado pela combinação de características geológicas, próprias da região, com o primeiro, fazendo surgir territórios de risco. Embora tenha presenciado o crescimento turístico sem precedentes, o poder público não correspondeu com a dotação da infraestrutura necessária, além do planejamento e do ordenamento, capazes de fazer frente às novas demandas criadas. Dessa forma, um grande número de problemas foi se avolumando, apesar de todos os planos que já foram elaborados e continuam a ser para o local. A maioria dos problemas ambientais e sociais criados por essa situação, e percebidos através do exercício praticado neste trabalho, relacionam-se ao aumento de esgoto e lixo, aos desmatamentos e à grande quantidade de pessoas concentradas em pequenas localidades em determinados períodos do ano.

A partir disso, é necessário começar a compreender até que ponto essas contradições percebidas são de fato identificações de falta de infraestrutura, que merecem ser reconhecidas e melhor administradas e solucionadas pelos órgãos públicos, e a que passo ela está de ser mais um dos discursos utilizados para a entrada e justificativa de iniciativas privadas na Ilha Grande. Logo depois da instauração do turismo, feita por uma motivação multidimensional de discursos, a necessidade de uma implementação de Parcerias Públicos-Privadas (PPPs), seguindo uma ordem nacional de atividades, vem sendo umas das principais e mais perigosas políticas discutidas no território insular. Nas últimas décadas, a Ilha Grande vem sofrendo com os impactos do turismo desordenado e da falta de infraestrutura adequada, especialmente durante os meses de alta temporada. Com tais desafios crescentes para a gestão pública, somados à escassez de recursos, o Estado do Rio de Janeiro começou então a buscar alternativas para garantir a preservação das áreas legalmente protegidas da Ilha Grande. Assim, surgem as PPPs, como contratos de longo prazo entre o governo e um parceiro privado, que obrigam a parte privada a prestar serviços ou realizar investimentos na construção e manutenção de algum equipamento público, colocando as PPPs como as principais viabilizadoras para a geração de benefícios públicos.

A proposta é tentar atuar buscando, cada vez mais, alternativas contra esse tipo de parceria, e que tenha como base a necessidade de construções políticas ambientais mais democráticas, a partir de um amplo debate, com a participação de todos os atores sociais envolvidos no uso do território. Espera-se assim, contribuir com o diálogo entre esses atores, visando amenizar os conflitos sociais e os impactos ambientais que ocorrem na ilha.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir e contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 196.

AMORIM, N. M. **Da pirataria ao turismo:** múltiplas territorialidades, conflitos de gestão e planejamento ambiental na Ilha Grande (RJ). 2009. 69 f. Monografia - Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 69.

ARANTES, A. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua savalguarda. Revista Resgate, Unicamp, São Paulo, 2004.

ARAUJO, C. D. et al. Impactos **ambientais do Turismo na Ilha Grande:** Um estudo Comparativo sobre a percepção dos moradores da Vila do Abraão e da Vila Dois Rios. Caderno Virtual de Turismo. v. 5, n. 3, p. 18-26. Rio de Janeiro, 2005.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny**. Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BRILHA, J. Enquadramento legal de suporte à protecção do património geológico em Portugal. In: In Cotelo, J.M. et al. **Ciências Geológicas:** Ensino, Investigação e sua História. Associação Portuguesa de Geólogos, v. II. Magalhães Ramalho (Edts.) 2010. p. 443

BRASIL. Portaria n° 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a Chancela da Paisagem Cultural. Diário Oficial da União, 5 maio 2009. Seção 1, p. 17.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.100.

DUTRA, F. F. **Ilha Grande (Angra dos Reios, RJ):** Ensaio sobre os atores no contexto das políticas públicas ambientais: o exemplo da Ilha Grande no Estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Geografia, Rio de Janeiro, 2008.

FARIAS, A. B. C. et al. **A Visitação Pública e a Perspectiva do Geoturismo no Circuito Abraão e Saco do Céu- Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ/Brasil).** In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2015, La Habana – Cuba. Anais eletrônicos, CD-ROM ISBN: 978-959-7167-50-1.

FERREIRA, H. C. H**. A Organização da Memória Coletiva na Defesa do Território e na Criação do Produto Turístico:** Um Estudo sobre a Ilha Grande, RJ. Caderno Virtual de Turismo. v. 14, n. 1. Rio de Janeiro, abr. 2014. p. 79-95

_____. **Turismo, Natureza e Cultura: Disputas por "Patrimônios" nos Debates "Participativos" na Ilha Grande – RJ**. Ambiente & Sociedade. v. XVI, n. 4. São Paulo, out.-dez. 2013. p. 63-82

_____. **A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande-RJ.** 2010. Dissertação (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ.

FIGUEIREDO, L. C. **Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural:** algumas reflexões. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n. 1, jan./abr. 2013.

FREIRE, I. S. M. **Transformações socioespaciais e a formação de um território do turismo na Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ).** 2011. 74 f. Monografia - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

GOMES, P. C. da C. **O Lugar do Olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

GONÇALVES, J.R. **O patrimônio como categoria de pensamento**. In Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de janeiro: DP&A editora, 2003.

IPHAN, et al. **Seminário do Patrimônio –** Cultura e Memória na Fronteira. Bagé, 2007.

MANSUR, K. L. **Diretrizes para Geoconservação do Patrimônio Geológico do Estado do Rio de Janeiro: o caso do Domínio Tectônico Cabo Frio (RJ)**. 2010. Monografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental**. Revista Geografia e Pesquisa. v. 06, n. 2. Ourinhos, 2012. p. 56-72.

OLIVEIRA, M. C.T. **O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente.** Dissertação (Doutorado) - Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS . 2003.

OLIVEIRA, R.R. **O rastro do homem na floresta: sustentabilidade e funcionalidade da mata atlântica sob manejo caiçara.** 1999. Dissertação (Doutorado) - UFRJ/ Progr. Pós Graduação em Geografia. p.150.

PRADO, R. M. **Ilha Grande:** do sambaqui ao turismo**.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. p. 288

S, J. L. S. **Ecogeografia do Brasil –** Subsídios para Planejamento Ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

SANTOS, R. F. **Planejamento Ambiental:** teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004. p. 184.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Paraná: Eduel, 2013. p. 248.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Paraná: Eduel, 2012. p. 342.

TURISANGRA. **Inventário Turístico de Angra dos Reis**. Rio de Janeiro, 2013.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. – Série Turismo.

SAMPAIO, R. S. **Estratégias para a superação de problemas locais à Vila do Abraão e sua relação com o desenvolvimento sustentável do turismo**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Disponível: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3957/RafaelS.pdf?sequence=1.

SANTOS, M. S. **Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942)**. Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.14 n.4 Rio de Janeiro.

XAVIER, T. F. **Do território do cárcere ao território da proteção da natureza:** conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). 2008. 112 f. Dissertação - Programa de Pós-

graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia**. Temporais (ação) (UEG), v.1, 2008. p. 249-262.

ANEXOS

Anexo 1- Entrevista.

Este questionário é parte de um projeto de pesquisa na Ilha Grande- professores e alunos do Departamento de Geografia da UERJ e NEPPT

Percepção do visitante/turista **UF: RJ** **DATA __/__/__** **QUEST. Nº_____ Local: _____**

1. Perfil do Entrevistado

Sexo: □ Feminino □ Masculino | Idade: _____

Nacionalidade:

Naturalidade:

Nível de Escolaridade: □ Ensino Fundamental □ Ensino Médio □ Ensino Superior

Qual o tamanho do grupo? □ Sozinho □ 2-4 pessoas □ 5-10 pessoas □ mais de 10 pessoas

Quanto tempo ficará? _____

Está hospedado de qual forma? □ Hotel □ Pousada □ Airbnb □ Alugou uma casa □ Casa de parentes □ Camping □ Outros: _____

Como encontrou esta hospedagem? _____

_____

Como você conheceu a Ilha?
□ Internet: _____
□ TV: _____
□ Indicação: _____
□ Outros: _____

O que dizia sobre a ilha nesse canal em que a conheceu? Isso motivou sua vinda?

_____

_____

_____

Como chegou na Ilha? □ Excursão □ Com Guia □ Independente

Primeira vez na Ilha? □ Sim □ Não

Se não, quantas vezes já veio? E por quê? / Se sim, sente vontade de voltar? E por quê?

_____

_____

_____

_____

2. Objetivo do Entrevistado

Quais as atividades que pretende realizar? □ Cachoeira □ Praia □ Passeios de barco □ Conhecer os museus □ Outros: _____

Por que quer realizar estas atividades? _____

_____

[Ponto de Vista] Este lugar, em especial, te remete o que? O que te trouxe aqui?

_____

_____

_____

[Composição] Quais os valores abaixo que este local da Ilha possui? □ Geológico e Paisagístico □ Ecológico □ Arqueológico □ Histórico □ Econômico □ Artístico □ Lazer □ Tranquilidade e Paz □ Outros: _____ □ Nenhum

[Exposição] O que mais te chama atenção neste local?

_____

_____

Sua expectativa, com o que se esperava da Ilha foi atendida? □ Sim □ Não | Por quê?

_____

_____

_____

Qual seria um ponto negativo da Ilha?

_____

_____

_____

3. Percepção de Patrimônio e História da Ilha

Quando você ouve a palavra patrimônio, o que você pensa? □ Algo que tenha valor para a ciência ou para a história | □ Algo importante para você | □ Algo bem velho | □ Algo da natureza | □ Algo importante para a humanidade. | □ Uma herança | □ Algo cultural | □ Um conhecimento.

Em sua opinião, o que você considera patrimônio: □ Uma casa | □ Plantas e animais | □ Uma cidade | □ Uma comida | □ Uma montanha ou praia | □ Um artesanato | □ Uma invenção da ciência | □ Um fóssil | □ Um carro | □ Uma pintura de arte | □ Uma dança | □ O planeta Terra | □ Uma Floresta | □ Um prédio antigo | □ Uma poesia | □ Um artefato arqueológico | □ Uma crença religiosa | □ Não considero nada

Para você a Ilha e os lugares que visitou são considerados Patrimônio da Ilha? □ Sim □ Não | Quais?

_____

Merecem esse reconhecimento de Patrimônio e mais conservação? □ Sim □ Não

Conhece a História da Ilha? □ Sim □ Não | Gostaria de conhecer mais? □ Sim □ Não

Anexo 2- Inventariação da Enseada de Abraão

Inventariação da Enseada de Abraão			
Proteção Nível Municipal (Apa Tamoios) e Estadual (PEIG): Ambos Insuficientes			
Pontos Potenciais:	Centro de Abraão; e os Pontos do Circuito: Praia Preta; Ruínas do Lazareto; Aqueduto e Poção.	**Condições de Observação:**	Possui elementos que não impedem de observar o lugar em sua integridade, porém causam dificuldade: Deteriorização das Ruínas do Lazareto e do Aqueduto; Avanço da floresta ocultando certa visibilidade dos pontos e da própria trilha; Lixo em toda a enseada.
Conteúdo Principal:	Apresenta elementos geológicos-geomorfológicos de relevância como as praias e o poção. Além de possuir aspectos relacionados ao passado colonial, de exclusão de enfermos e presos como as Ruínas e o Aqueduto.	**Espetacularidade ou Beleza:**	Utilizado habitualmente na iconografia turística a nível nacional ou internacional
Representatividade:	Possui o significado de uso, para a satisfação de necessidades, como: objetos de alimentação (Centro de Abraão), de trabalho ou brinquedo (Pontos do Circuito). Também possui significados emocionais, que tomam uma forma atrativa (Praias, Poção e Aqueduto) ou repulsiva (Ruínas do Lazareto)	**Estado de Conservação:**	Com algumas degradações que não afetam de maneira determinante o valor ou interesse do lugar;
Categorias de Análise			**Destaque**
Ponto de Vista	Centro de Abraão; Praia Preta; Ruínas do Lazareto.		Lazer e Hitórico
Composição	Praia Preta; Poção; Aqueduto.		Paisagem e Histórico
Exposição	Centro de Abraão, Ruínas do Lazareto; Poção; Aqueduto.		Paisagem

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Anexo 3- Propagação do Imaginário da Enseada de Abraão pelos Sites

Propagação do Imaginário da Enseada de Abraão Pelos Sites		
Site	**Imaginário Descrito**	**Atrativos Citados**
IlhaGrande.com	Aqui na Enseada do Abraão vive um simpático povoado, Vila do Abraão que é a maior das comunidades de toda a Ilha Grande e a principal porta de entrada do turismo, assumindo o papel de "capital econômica" da Ilha Grande. A enseada possui seu entorno bastante recortada, sendo constituída de 14 praias e 5 ilhotas. O relevo das montanhas é o ponto marcante, apresentado picos de grande inclinação e altitude com belas formas, sendo o Pico do Papagaio a mais curiosa. Possui vários cursos de água descendo das montanhas e desaguando nas praias. A maior praia é a do Abraão, no fundo da enseada, onde está a Vila de moradores, centro comercial, pontos de embarque e desembarque, com intenso movimento de barcos que realizam passeios e a ligação com o continente. A vila possui vários restaurantes, atividade noturna, bares, sendo por isso muito frequentada por jovens.	* Praias de águas claras e calmas, predominantemente verdes; * Ruínas do Lazareto, presídio, monumentos e ruínas do tempo Brasil Colônia; * Trilhas na Mata Atlântica exuberante, picos, riachos e pequenos riachos; *Passeios náuticos para os principais pontos turísticos da Ilha Grande.
IlhaGrande.Org	A palavra "abra", é um termo náutico que significa uma abertura na costa, um porto abrigado, portanto, Abraão significa "abra grande". A enseada do Abraão era muito utilizada para ancorar barcos de todos os tipos no passado e continua assim nos dias de hoje, dando mais beleza e vida a este lugar. A Vila do Abraão é o principal ponto de chegada dos visitantes na Ilha Grande. Um lugar charmoso, com clima tropical e total estrutura para quem deseja conhecer esta maravilha do Rio de Janeiro. É no Abraão que está localizada a maioria das pousadas e hospedagens, campings, casas de praia e suítes para alugar, restaurantes, comércio com lojas de artesanatos e agências para passeios, travessia marítima e mergulhos. Por isso, a Vila do Abraão é conhecida como "capital da Ilha Grande". A impressão, a quem chega ao Abraão pela primeira vez, é de que o tempo parou... Não há carros circulando, apenas barcos levando turistas a passeios incríveis.	Além da infraestrutura, a Vila do Abraão oferece aos visitantes lugares repletos de beleza e história como o Lazareto e o Aqueduto, deliciosas cachoeiras (dos Escravos e Feiticeira), as praias calmas da enseada do Abraão (Morcego, Abraãozinho, Guaxuma, Crena, Comprida, Bica, Julia, Canto e Preta) e a pequena praça onde se encontra a igreja de São Sebastião. Vale a pena também conhecer as trilhas e fazer uma boa caminhada pela região. As trilhas T01 e T02 são as mais fáceis e rápidas. Aproveite!
TripAdvisor.com	"Na praia do Abraão tem tudo , mas eu creio que pra quem quer um pouco mais de sossego indicaria outra praia e não a do abraão, mas se quer mais badalação, encontrou a praia.""Bonita sim, mas achei meio suja - há diversos bares e restaurantes, além dos barcos estacionados. Meio difícil para banho numa "boa". É a mais acessível, faz parte do passeio de estar na vila""Essa é a praia central aonde todos desembarcam. É o centrinho da ilha com lojinhas e sorveterias. A praia em si tem uma faixa pequena de areia e são poucos os turistas que permanecem por ali. Existem milhares de pequenas e médias embarcações paradas em frente desta orla."	Sobre o Circuito Abraão (PEIG): * "Quem visitar Ilha Grande em dias chuvosos, o circuito de Abraão é a melhor opção para não perder a viagem. Logo na entrada do parque tem uma placa bastante informativa." * "Parque muito limpinho e organizado. A praia preta é muito bonita. Porém falta fiscalização e educação dos visitantes q descantam lixo em qualquer lugar."

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Anexo 4- Inventariação da Enseada de Dois Rios

Inventariação da Enseada de Dois Rios			
Proteção Nível Estadual (PEIG): Insuficiente			
Pontos Potenciais:	Praia de Dois Rios; Rios Barra Grande e Barra Pequena; Museu do Cárcere e Ecomuseu; Museu do Meio Ambiente.	**Condições de Observação:**	Possui elementos que não impedem de observar o lugar em sua integriddade, porém, causam dificuldade, como: Avanço da floresta ocultando certa visibilidade da trilha; deterioração das edificações da enseada.
Conteúdo Principal:	Apresenta elementos histórico- culturais relacionados ao passado carcerário (todas as edificações da enseada são deste período), além de aspectos geológicos-geomorfológicos de relevância como a praia e os rios.	**Espetacularidade ou Beleza:**	Utilizado ocasionalmente na iconografia turística a nível nacional ou internacional
Representatividade:	Possui o significado de uso, para a satisfação de necessidades, como: lazer (Toda Enseada). Também possui significados emocionais, que tomam uma forma atrativa; e um significado instrumento, com a presença de artefatos, construções e máquinas.	**Estado de Conservação:**	Com algumas degradações que não afetam de maneira determinante o valor ou interesse do lugar.
Categorias de Análise			**Destaque**
Ponto de Vista	Praia de Dois Rios; Ecomuseu; Museu do Meio Ambiente.		Paisagem e Histórico
Composição	Ecomuseu; Rio Barra Grande e Rio Barra Pequena.		Paisagem e Lazer
Exposição	Praia de Dois Rios; Ecomuseu.		Histórico e Lazer

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Anexo 5- Propagação do Imaginário da Enseada de Dois Rios pelos Sites

Propagação do Imaginário da Enseada de Dois Rios pelos Sites		
Site	**Imaginário Descrito**	**Atrativos Citados**
IlhaGrande.com	A praia de Dois Rios é fascinante, suas areias amarelas tem aproximadamente um quilômetro de extensão. O azul-esverdeado resplandecente das águas e as ondas que se formam com o vento do mar aberto, batem na praia nos convidando para um mergulho. É propícia para a prática de surf e pescaria pois sendo voltada para o mar aberto, a região é bem servida com pescados de qualidade. Reconhecido como um dos locais mais belos da Ilha Grande, esta deslumbrante localidade foi o pivô da fama de "Ilha Presídio". Essa situação foi, talvez, a maior responsável pela preservação da Ilha Grande porque inibiu até 1993 a atividade turística. O Local abrigou o extinto presídio Cândido Mendes. Hoje a propriedade do Estado do Rio de Janeiro está sendo administrada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ que montou um Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentado – CEADS. A Vila de Dois Rios acolhe cerca de 150 moradores, dos quais uma boa parcela são funcionários da UERJ ocupando as antigas casas padronizadas, hoje em mau estado de conservação. É da Vila de Dois Rios que parte, quase diariamente, pescados que são vendidos na Vila do Abraão.	* Ruínas do antigo presídio * Museu do Cárcere * Banho em lagoa de água salgada e doce, manguezal * Pescaria e surf
IlhaGrande.Org	Dois Rios é uma praia encantadora, ainda mais quando contemplamos as belas ilhas da Amarração (em frente à praia). Aqui, você sente a natureza selvagem mais próxima. O romantismo e a calma do lugar são verdadeiros antagonismos ao que era quando havia a colônia penal Candido Mendes. Da construção do presídio com seus muros altos, de seis metros de altura, e com guaritas que vigiavam toda A melhor maneira de visitar Dois Rios é seguir a estrada que se inicia na Vila do Abraão e fazer uma caminhada (trilha T14), de aproximadamente 7 km. Vá bem cedo para não ficar até a noite em Dois Rios, já que o pernoite não é permitido. Não existem lugares onde acampar, não há pousadas e nem casas de moradores para dormir. A única alternativa será à volta.	De cada lado desta praia existe um rio, por isso o nome "Dois Rios". A água doce dos dois rios se une com a água salgada do mar e formam as conhecidas Barra Grande e Barra Pequena. Os rios banham um extenso manguezal, que equilibra o ecossistema de toda a região. É neste manguezal que os peixes se procriam. Os rios são abastecidos por duas cachoeiras diferentes. As águas do rio da Barra Grande chegam de uma cachoeira que nasce pelo lado da Parnaioca. As águas que abastecem o rio da Barra Pequena vêm de uma cachoeira menor, suas águas partem do Abraão. O visitante que estiver no Abraão poderá conhecer a praia de Dois Rios contratando passeios marítimos chamados Super Sul ou meia volta de lancha, mas a visitação é contemplativa.

TripAdvisor.com	"Em dois rios era onde ficava situado o antigo presídio Cândido Mendes que foi desativado em 1994. No local encontra-se o museu do cárcere e ao seu redor uma bucólica Vila de ex funcionários do presídio. O lugar é muito tranquilo e lindo. Não deixe de provar o almoço caiçara que é muito saboroso." "Uma das melhores praias e opções de Ilha Grande. Muito bonita e tranquila. Possui um número bem menor de visitantes que outras praias populares. Ainda possui a vila com museu do presídio. Boa alternativa. Há como chegar por trilha simples (2-2:30h) ou passeios." "Praia sem infraestrutura (apenas 1 barraca de água e comida). Trilha cansativa de 2:30h e com subida. Ao chegar na praia andamos pro canto da direita e encontramos um belo encontro do mar com o Rio de água cristalina. Vale a pena conferir."	"Lá tem o museu do ex presídio pra ser visitado (não é lá grande coisa, mas pra quem curte história vale. Afinal, foi onde Graciliano Ramos foi preso). Como é bem próxima à praia, que não tem nada para comer, é uma opção para quem não levou nenhuma comida. Lá tem dois restaurantes caseiros que servem pastéis, sanduíches e pratos feitos (com peixe frito, arroz, feijão, salada e fritas) bem honestos." "A caminhada partindo de abraão é de 16 Km. A Praia é gostosa e tranquila. O encontro do rio com o mar é um atrativo." "A praia de Dois Rios é simplesmente encantadora!! A atração do local é a praia com seus dois rios desembocando na mesma e vale a visita ao Museu do Cárcere (antigo presídio da Ilha Grande)."

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Anexo 6- Inventariação da Enseada de Lopes Mendes

Inventariação da Enseada de Lopes Mendes			
Proteção Nível Estadual (PEIG): Deficiente			
Pontos Potenciais:	Praia de Mangues; Praia de Pouso; Praia de Lopes Mendes; Capela; Córrego.	**Condições de Observação:**	Possui elementos que não impedem de observar o lugar em sua integriddade, porém causam dificuldade, como: Avanço da floresta ocultando certa visibilidade da trilha; lixo; poluição sonora; e muita movimentação de barcos nas enseadas de Mangues e Pouso.
Conteúdo Principal:	Apresenta elementos geológicos-geomorfológicos de relevância, como as praias e o córrego. Além de possuir aspectos relacionados ao seu pretérito uso como fazenda: a Capela.	**Espetacularidade ou Beleza:**	Utilizado habitualmente na iconografia turística a nível nacional ou internacional
Representatividade:	Possui o significado de uso, para a satisfação de necessidades, como: objetos de alimentação (Praia de Pouso e Magues), de trabalho ou lazer (Toda Enseada). Também possui significados emocionais, que tomam uma forma atrativa; e um significado de símbolo, principalmente na Praia de Lopes Mendes com o "Baú do Pirata".	**Estado de Conservação:**	Com algumas degradações que não afetam de maneira determinante o valor ou interesse do lugar.
Categorias de Análise			**Destaque**
Ponto de Vista	Praia de Mangues; Praia de Pouso; Praia de Lopes Mendes		Lazer e Paisagem
Composição	Córrego; Praia de Lopes Mendes		Paisagem
Exposição	Capela; Praia de Lopes Mendes		Paisagem e Histórico

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Anexo 7- Propagação do Imaginário da Enseada de Lopes pelos Sites

Propagação do Imaginário da Enseada de Lopes Mendes pelos Sites		
Site	**Imaginário Descrito**	**Atrativos Citados**
IlhaGrande.com	Uma das praias mais bonitas de todo o litoral brasileiro está na Ilha Grande e chama-se Lopes Mendes, localizada na costa oceânica, de frente para o Sul, com aproximadamente 3 km de areia branca, muito fina e firme, é tida, já a muitos décadas, como a mais famosa de toda a Ilha Grande. O mar de Lopes Mendes parece sempre agitado, propicio para ao surf, por isso é a praia onde este esporte é o mais praticado. É uma praia de pouca profundidade e a transparência da água é impressionante, assim como sua variação de tonalidades. Lopes Mendes já foi muito habitada pela comunidade caiçara, quando a Colônia Penal de Dois Rios viveu o seu auge, mas hoje é uma praia quase deserta com muita sombra natural das amendoeiras que ficam em sua orla.	Surf, trilhas, bicicleta, caminhada, corrida, capela antiga, lagoa da "Coca-Cola"
IlhaGrande.Org	Paraíso dos surfistas, Lopes Mendes é considerada a mais bela praia da Ilha Grande. Famosos como Ayrton Senna, Luciano Huck e Angélica chegavam de helicóptero só para correr nas areias claras e finas desta paradisíaca praia. O conjunto de belezas, de seus quase 3 km de extensão, causa impacto imediato em qualquer turista do mundo. Não é a toa que ela foi eleita Maravilha da Ilha Grande em primeiríssimo lugar. Selvagem e sexy, Lopes Mendes surpreende pelo misto de tons verdes e azulados de sua água cristalina, pela vegetação cercada de amendoeiras e abricós, por sua areia que "canta" ao ser pisada, suas ondas perfeitas e, principalmente, por ser quase deserta. Não há construções, não há sinal para celulares, cais para atracação de barcos e nem vendedores gritando na praia. Aqui, somente a natureza reina absoluta. Lopes Mendes mexe com os nossos sentidos, aflora o espírito de liberdade e então você tem certeza que passou por um lugar muito especial... Nossa vida é uma série de imagens. A maior parte delas passa despercebida, mas algumas vezes, um momento se congela e algo acontece. E nós sabemos que esse instante é mais do que uma imagem. Sabemos que esse momento, e todas as partes dele, irão viver para sempre.	Outro ponto interessante é a igrejinha de Lopes Mendes. Não está aberta à visitação, mas é parte importante da história da Ilha Grande e pode ser vista dentro da vegetação no caminho para a trilha da Aroeira. O melhor recanto de Lopes Mendes é no final, local onde deságua um riacho de água doce que vem da restinga e onde a maioria das aves marinhas sobrevoa. Não é aconselhável beber a água do riacho, mas dá pra fazer um banho refrescante e tirar a água salgada do corpo em dias de muito calor. Uma delícia!

TripAdvisor.com	"Praia maravilhosa, fácil acesso (barco e, depois, trilha de uns 30 minutos com subida e descida - vá de tenis). Areia fina e Branca, maresia no ar, um pequeno rio em uma das pontas, sombra das árvores, mar bravinho. Linda praia." "Praia de Lopes Mendes é uma das praias mais bonitas do litoral brasileiro e considerada a mais bonita da ilha grande. São 3km de areia muito fina e firme, mar sempre agitado, por isso o surf é muito praticado nessa praia. É praia de pouca profundidade e a transparência das águas impressiona assim como a variação de tonalidades. Já foi habitada, mas hoje é quase deserta com muita sombra natural das amendoeiras em sua orla." "Lugar fantástico e praticamente deserto. Sem infraestrutura e isso que deixa tudo mais lindo ainda. Tem que levar lanches para passar o dia. Tem uns vendedores de água e refri em uma das pontas da praia, onde o mar é mais agitado. Fomos numa quinta feira e o melhor de tudo foi ter a sensação de ter a Praia praticamente só pra nós mais ao canto, pois a maior parte do pessoal fica logo na saída da trilha."	"A praia de Lopes Mendes, com seu belo mar esverdeado e areia branquinha, tem a vantagem de estar toda preservada, você caminha por toda extensão e não vê construções, hotéis, nada, apenas a vegetação em tons de verde que forma uma paisagem inesquecível. Vale a pena explorar os extremos da praia, ainda mais desertos. Um paraíso.." Sobre Praia de Mangues: "Águas tranquilas, verdes, com uma extensão de areia razoável. Faça o passeio de escuna de Abraão até Lopes Mendes. O píer de desembarque é nessa praia. Recomendo voltar um pouco antes do horário do retorno do saveiro para curtir essa praia e a do Pouso, que fica logo ao lado e também é linda!." "A praia do Pouso é a praia na qual os barcos para, quando os turistas vão até Lopes Mendes. A praia é calma, as águas limpas e o visual agradável. Para quem não quer se aventurar para a trilha ou faz questão de se banhar. Inclusive essa praia é melhor que a Lopes Mendes para quem está com criança pequena."

Fonte: Farias, ABC. Dados do Trabalho de Campo de 2017.